

EU ERA UM DELES



Willy van Lieshout

**EU ERA
UM DELES**

EU ERA UM DELES

Willy van Lieshout

Preparação: **WILLY VAN LIESHOUT**

Revisão: **MICHELE SOUILLJEE BIRCK**

Fotos: **ARQUIVO PESSOAL DE WILLY VAN LIESHOUT**

Foto da Capa: **JNV GRÁFICA E EDITORA LTDA.**

Impressão e Diagramação: **JNV GRÁFICA E EDITORA LTDA.**

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, sob qualquer forma, sem prévia autorização do autor.

EU ERA UM DELES

Não-Me-Toque - RS - Brasil, dezembro de 2020.

Dedicatória

*Para Betsie,
minha esposa, mãe dos meus filhos e
grande esteio na minha vida.*

Agradecimento

*Com agradecimentos para
Michele Souilljee Birck pela correção do texto.*

Prefácio

Willibrordus Henricus van Lieshout, nosso querido Willy, nos presenteia com o registro de sua história de vida exemplar.

Este livro relata a biografia de um homem ímpar, que batalhou constantemente e demonstrou que as dificuldades não são motivo para o desânimo e sim, impulso para a superação. Desde a sua infância apresentou o ímpeto de enfrentar desafios, de sonhar, ter objetivos fortes, fazer a diferença e marcar sua liderança.

Emigrou para um país desconhecido, passou pelos enfrentamentos da adaptação, porém, usou isto como trampolim para os obstáculos e novas mudanças, tornando-se munícipe de Não-Me-Toque, onde junto com sua esposa Betsie, uma mulher extremamente bondosa e simpática, teve inúmeras realizações e conquistou um grande círculo de amigos (as).

Com sua autenticidade e perspicácia, contribuiu significativamente com o desenvolvimento do nosso município e região e participou ativamente da fundação e manutenção de importantes entidades e instituições.

Na Sicredi, desde a fundação até seu último mandato como presidente, foi líder estratégico e fundamental para o crescimento sustentável deste sistema cooperativo que hoje é reconhecido como instituição financeira.

Junto a Associação Holandesa de Não-Me-Toque, sempre foi entusiasta da valorização cultural e importante colaborador, ministrando cursos de danças e de língua holandesa. Atuou na

mediação com o Consulado e Embaixada Holandesa no suporte aos imigrantes em diversas necessidades e em projetos e ações de parceria entre os dois países. Idealizou os três monumentos holandeses da cidade: Met Kruis em Ploeg (Cinquentenário da Imigração), Ons Huisje (Casa Típica) e o Casal Holandês – 2011 Ano Brasil Holanda.

Em frente ao Sindicato Rural de Não-Me-Toque, fez parte da evolução e valorização do agronegócio local, lutando incansavelmente em defesa dos interesses dos produtores rurais, além de proporcionar condições de capacitação das famílias produtoras para o progresso das propriedades. Também abraçou com garra a presidência do renomado Congresso APSUL América, pois é apaixonado pela inovação e tecnologia.

É por todos os seus feitos e determinação que tenho por esse líder uma grande admiração e reconhecimento; sempre me instigou a assumir desafios, impactando no meu crescimento profissional e pessoal, sendo inclusive o meu precursor nas entidades acima mencionadas.

O Sr. Willy tem no seu âmago o prazer de trabalhar, e por sua sabedoria, capacidade de gestão e visão empreendedora, construiu um legado digno de muitos aplausos!

É um grande exemplo a ser seguido!

Teodora Berta Souilljee Lütkemeyer

Quando um imigrante chega no Brasil, traz, além de poucos pertences pessoais, seu caráter e sua coragem. Com ele chega um coração esperançoso e uma mente inquieta, mas convicta de que a verdade é o único caminho para prosperar.

É um desafio resumir a riqueza que o leitor encontrará ao longo deste livro, escrito com tanto esmero pelo Sr. Willibrordus Henricus van Lieshout (Willy). Escrevo, então, sobre sua sensibilidade e outras várias emoções e reflexões que este trabalho nos evoca.

O autor, que tive o privilégio de conhecer em 1981 por ocasião da fundação da Credijal, hoje Sicredi Cooperação RS/SC, traz para estas páginas a dedicação e a qualidade que acompanham tudo que ele faz.

Uma das características mais notáveis no trabalho desenvolvido por Willy ao longo de sua carreira é seu compromisso em proporcionar conhecimento e uma melhor qualidade de vida aos às pessoas e comunidades. Sua cultura baseada em seriedade, honestidade e transparência é motivadora e permanece sendo respeitada em todas as Entidades onde participou.

Neste livro comprovamos o seu espírito visionário e empreendedor, admiramos sua persistência diante dos desafios e a ética que permeia toda sua história, cujo legado servirá de exemplo para as futuras gerações.

José Celestre De Negri (Juca)

Apresentação

Já há um tempo os filhos, noras e netos pediram para eu escrever sobre a minha vida. Primeiramente eu estava relutante, mas depois comecei a pensar sobre o assunto. Imaginando se um ou mais descendentes nossos, daqui a 100 ou 200 anos, quisessem pesquisar sobre seus antepassados; um relato sobre minha vida poderia ajudar a reconstruir a história da minha imigração para o Brasil.

Não sou escritor e menos ainda historiador, mas anotei alguma coisa sobre a minha vida que eu conseguia lembrar e também coisas que minha esposa, Betsie, lembrava, assim me ajudando nas lembranças.

Quero, com este livrinho, homenagear todos imigrantes holandeses que vieram para Brasil durante os 20 anos depois da Segunda Guerra Mundial; eram homens e mulheres que emigraram para um país totalmente desconhecido, com uma língua estranha para eles, com clima tropical, outros costumes e para os agricultores, que eram a maioria, com culturas desconhecidas como: mandioca, arroz, algodão, amendoim, citros, soja etc. e mesmo assim, com dificuldades, mas com muita vontade, derrotas e vitórias, conseguiram vencer.

Olhando hoje para estes homens e mulheres, podemos dizer que grande parte do sucesso do agronegócio brasileiro é o resultado da dedicação e trabalho árduo deles.

Com muito orgulho posso dizer: EU ERA UM DELES.

Sumário

Dedicatória	05
Agradecimento	07
Prefácio.....	09
Teodora Berta Souilljee Lütkemeyer.....	09
José Celestre De Negri (Juca)	11
Apresentação.....	13
Heeswijk	17
A Guerra.....	20
Pós Guerra	23
Escola Fundamental	24
Gymnasium Sint Norbertus	26
Voltando para casa	29
Servindo a Pátria	33
Despedida da Holanda	37
A vigem para o Brasil.....	39
Holambra	40
Mudanças a vista.....	47
O casamento	50
Não-Me-Toque	51
Lavoura própria.....	57
Vila Conceição.....	61
Rua Vasco da Gama, 452.....	65
Goiás.....	74
Vivendo sem os filhos em Não-Me-Toque.....	76
Acint	79

Aula de Holandês	80
Sicredi	80
Associação Holandesa de Não-Me-Toque	85
Sindicato Rural	89
Nossas viagens	92
Nossos cruzeiros	95
E a vida continua	96
Coronavírus - COVID-19.....	100
Conclusão	105

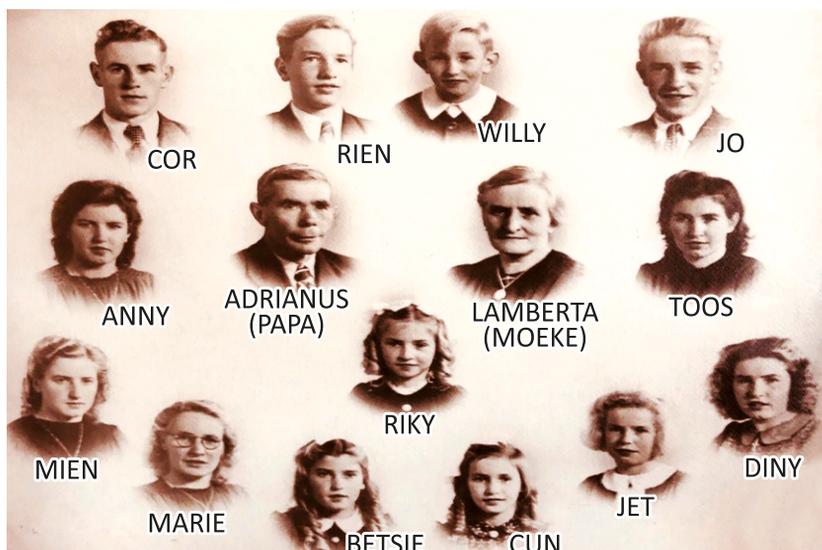
Heeswijk

É o início do verão quando nasce no dia 24 de junho de 1937 Willy van Lieshout em Heeswijk, um pequeno município da Província de Noord-Brabant na Holanda. Ele ganhou os nomes de Willibrordus Henricus, mas foi sempre chamado de Willy.

Então aqui estou eu contando alguma coisa da minha vida.

Meus pais eram Adrianus van Lieshout e Lamberta van Rooy.

Quando nasci já tinha 8 irmãs e 3 irmãos e um ano e meio depois nasceu a última mulher da família, Riky. Aqui os nomes dos meus irmãos e irmãs: Toos, Marie, Cor, Anny, Mien, Diny, Rien, Jo, Betsie, Jet, Cun, (Willy) e Riky.



Meus pais tinham uma pequena propriedade rural, como quase todos os produtores daquela época e daquele lugar, mais ou menos 10 ha. Nesta propriedade cultivavam centeio, aveia, batata, trigo e pastagem para o gado leiteiro. Eles tinham de 4 a 5 vacas, alguns terneiros, poucos suínos e umas cem galinhas poedeiras.

Nasci numa época que o mundo estava em crise depois do desastre de Chicago em 1929. A pobreza era grande em muitas partes do mundo e assim também na nossa região da Holanda. Mas com muito esforço, todos da nossa família trabalhando, meus pais conseguiram sustentar a todos.

Já estávamos na pré-guerra, pois na Alemanha o Hitler se preparava para isto.

Um fato curioso aconteceu um ano e meio depois do meu nascimento. Ninguém acredita, mas eu me lembro que estava no pátio da casa quando algum dos irmãos mais velhos me disse que havia nascido mais uma irmãzinha, que era então Riky.

Quando eu tinha seis anos fui para o pré-primário na garupa da bicicleta da minha irmã Diny no salão de festas da Igreja Católica. No nosso município, de mais ou menos 2 mil habitantes, havia só católicos, enquanto no município vizinho, do mesmo tamanho, havia 11 famílias de evangélicos; no sul da Holanda moravam na sua maioria católicos e no norte evangélicos.

No pré-primário tinha meninas e meninos, diferente do primário onde se tinha uma escola para as meninas, sob cuidados de irmãs católicas, e uma escola para os meninos, com professores homens.

As primeiras aulas no primário foram realizadas em um bar, pois a escola havia sido confiscada pelos militares.

Naquela época era normal o tal de *bullying* na escola, principalmente para alunos que não tinham ninguém para defende-los. Sorte minha que meu irmão Jo estudava na mesma escola, então comigo ninguém queria se meter. O mesmo aconteceu alguns anos depois, quando o filho mais velho do nosso vizinho, Henk van de Laar,

EU ERA UM DELES

começou frequentar a escola, lá estava eu para defender meu vizinho.

Nesta escola ganhei um apelido que eu odiava e somente muitos anos depois descobri que este apelido deveria ser uma honra para mim. Me chamavam de vlooi (pulga).

Os nossos professores agiam de forma diferente comparado com os dias de hoje; a disciplina estava em primeiro lugar e para manter a disciplina eles usavam até a régua para bater nos nossos dedos.



Meus pais em frente da casa.

A Guerra

Da guerra, que começou na Holanda em 10 de maio de 1940, me lembro que dois oficiais alemães confiscaram uma bicicleta que meus pais tinham escondido; os dois sacaram a arma para meu pai entregá-la.

Nestes dias os meus pais esconderam dois homens que estavam fugindo dos alemães. Eu não sei se eram judeus ou jovens que haviam se escondido para que não fossem forçados a trabalhar na Alemanha. Este ato era muito perigoso, pois se o inimigo descobrisse, seria a morte deles e também dos meus pais.

Quando um avião dos aliados foi abatido e caiu perto a nossa casa, os alemães logo apareceram, mas não acharam mais o piloto. No dia seguinte o piloto apareceu na nossa casa onde ele se vestiu com um macacão, boné de colono, tamancos e levava uma pá nas costas para tentar chegar em um lugar onde outras pessoas iriam ajuda-lo a chegar na Inglaterra.

Outro dia, voltando a pé da escola para casa, ouvimos o barulho de um foguete, o tal de V2. Nós sabíamos que, quando este barulho parasse, ele cairia. E assim aconteceu; no mesmo momento, já instruídos, deitamos no chão para não sermos atingidos. Pouco depois ele caiu e explodiu, deixando um grande buraco de uns 5 metros de diâmetro por uns 3 de profundidade no meio de uma estrada, mas ninguém ficou ferido.

Então começou no sul da Holanda a libertação do regime de Hitler; no dia 17 de setembro de 1944 iniciou a operação Market Garden com a intenção dos aliados de abrir um corredor a partir da Bélgica para tomar todos as pontes nos rios até Arnhem.

Neste dia eu estava perto da minha casa cuidando do gado que

EU ERA UM DELES

estava pastando, quando o céu ficou preto de aviões, e ficamos sabendo depois, que eles estavam indo para Arnhem, transportando tropas e material como jipes e tanques; muitos aviões puxavam planadores. Para minha surpresa jogaram um pacote que eu apanhei: era um pacote de cigarros que entreguei para meus irmãos. Naquela época todo mundo fumava, principalmente os homens. Meu pai também cultivava fumo para consumo próprio durante a guerra.

Neste dia, 17 de setembro, desceram paraquedas em toda a região. Eu vi de longe um paraquedas que não se abriu, provavelmente o soldado tenha morrido ao chegar no chão.

No castelo de Heeswijk desceram muitos paraquedistas e se envolveram numa luta contra os alemães que estavam no castelo. Enquanto os soldados estavam atirando uns contra os outros, muita gente, entre eles duas das minhas irmãs, Anny e Mien, foram para lá para recolher os paraquedas e apesar do perigo elas trouxeram um paraquedas para casa, do qual foram feitas roupas etc., já que os tecidos nas lojas eram muito caros ou estavam em falta.

Então começou a luta para nos libertar dos alemães.

Eu vi num certo dia um grupo de uns 20 soldados alemães atrás da nossa casa fugindo dos aliados; eles estavam cansados, a maioria já mais velhos. O meu pai, que nós chamávamos de Papa, aconselhou-os para que se entregassem para os aliados que estavam perto, mas eles queriam continuar fugindo para voltar para o Heimat.

Logo depois os aliados, na sua maioria canadenses, nos libertaram, mas no município vizinho ainda estava o exército alemão. Da torre da igreja deste lugar, Berlicum, podia se ver bem claramente a estradinha ao lado da nossa casa, e cada vez que alguém passava por lá os alemães lançavam granadas. Por isso os meus pais, junto com os mais novos da família, saíram para o lugar chamado de Loosbroek, a uns 4 km da nossa casa, para ter mais segurança; este lugar também estava em mãos dos aliados. Enquanto isso os mais velhos ficaram em casa para cuidar do gado e fazer todos os trabalhos na lavoura.

Os aliados também se hospedaram na casa e nas dependências. A minha irmã Anny estava numa clínica trabalhando como enfermeira num lugar ocupado pelos alemães e durante algumas semanas nós não tínhamos notícias dela, mas depois de um bom tempo ela apareceu sã e salva em casa.

Felizmente ninguém de nós foi atingido pelo fogo inimigo, mas nosso cavalo e um cachorro foram, e eles morreram.

Atrás da casa foi construído um abrigo subterrâneo, onde meus irmãos se esconderam juntamente com os soldados quando os alemães começaram a atirar. Certo dia recebemos no nosso refúgio em Loosbroek a notícia que estava tudo calmo na casa e nós nos mandamos a pé para lá; chegando perto de casa os aliados avisaram que logo começaria novamente a artilharia dos inimigos e nós então corremos para o abrigo, mas meus pais estavam um pouco atrás de nós e não conseguiram chegar a tempo. Quando meu pai escutou o zum de uma granada ele mandou a minha mãe, que nós chamávamos de Moeke, se deitar no chão ao lado dele. Deitaram e a granada explodiu bem ao lado deles, mas por estarem deitados os fragmentos da granada voaram por cima deles e eles não foram atingidos.

Como resposta aos ataques dos alemães, os aliados mandaram alguns dias depois um número grande de tanques que por duas noites atiraram, a noite toda, contra a torre da igreja e também tudo ao redor. O resultado foi que este lugar, Berlicum, foi quase totalmente destruído. Os alemães fugiram e finalmente a guerra terminou para nós, mas ficamos com a ocupação dos aliados porque bem perto ainda estava o exército alemão.

Me lembro da guerra também o pão branquinho, o chocolate e os cigarros que recebemos dos soldados.

Também presenciei o treino para uma parada dos Escoceses com seus tradicionais instrumentos, assim como os uniformes de saias para a tropa.

A estrada do lado da casa era de chão batido, e com o grande

EU ERA UM DELES

movimento de caminhões e tanques do exército aliado, no inverno sobrou pouco dela. O trânsito ficou tão difícil, por causa do barro, que os aliados cortaram pinheiros num bosque ao lado e colocaram os troncos lado a lado para poderem passar com o seu material.

Aos poucos os aliados avançaram e ficamos mais tranquilos na nossa região; isto foi em outubro de 1944, mas o resto do país esperou até 5 de maio de 1945 para ser libertado.

Pós Guerra

Então começou uma época de paz, mas com muitas dificuldades pela destruição causada pela guerra.

Ao lado da estrada de chão que ligava nossa casa para o centro de Heeswijk, os aliados tinham feito um depósito de munição, deixado para trás pelo inimigo. Neste depósito tinha muitas minas, granadas e balas, grandes e pequenas, protegidas somente por uma fita, inimaginável hoje em dia. Poucas semanas depois eles explodiram todo o material.

Neste dia, voltando da escola, vimos que o depósito estava vazio, mas na nossa lavoura tinha alguma coisa que largava bastante fumaça. Então nós corremos para lá e encontramos um artefato, que nós nem sabíamos o que era, e para aumentar a fumaça, a minha irmã Jet começou mexer com um pauzinho. Nós estávamos formando um círculo de umas 12 crianças. De repente a granada soltou a cápsula com um estouro, o resto já tinha explodido. A cápsula passou, felizmente, no meio de nós todos e não atingiu ninguém, mas o susto foi grande.

Lembranças da guerra eram também os fragmentos de granada nas árvores que estavam ao redor da casa. Quando mandaram serrar as

árvores para reconstruir o que foi perdido na guerra a serraria recusou o serviço, pois elas estavam cheias de fragmentos de granadas, então seria impossível de serrar sem estragar a serra. Caíram 33 granadas ao redor da casa, sem atingi-la, somente estouraram todos os vidros da casa.

Nos domingos sempre frequentávamos a missa das 7 horas da manhã ou a missa solene das 10 horas. Muitas vezes o pai nos acompanhava, ou melhor dizendo, nos acompanhávamos o pai, mas com dificuldade, pois ele andava muito rápido. Quando fiz a primeira comunhão, a minha mãe me levou na garupa da bicicleta para a igreja e depois da cerimônia ela queria comprar umas balas para me dar de presente, mas todas as lojas, que não eram tantas, estavam fechadas por ser domingo. Então ela conseguiu umas balas numa lojinha onde ela era freguesa, pela porta de fundos.

Escola Fundamental

As aulas no ensino fundamental começaram para mim com 7 anos de idade na escola Sint Willibrordus em Heeswijk. Junto com as crianças da redondeza caminhávamos os 4 km de ida e 4km de volta todos os dias, menos quando podia pegar carona na garupa da bicicleta do meu irmão Jo, mas isto somente no primeiro ano, pois depois ele terminou o primário.

Uns dois anos depois também ganhei uma bicicleta, o que foi uma grande festa. As aulas eram das 8h ao meio dia, depois das 13h30min até 16h. Ao meio dia nós ficávamos na casa de um amigo dos meus pais para comermos nosso pão trazido de casa.

Num certo dia, chegando perto do centro de Heeswijk, enxergamos uma fumaceira grande: o moinho da cidade estava totalmente tomado pelas chamas, não sobrou nada. Este moinho era

EU ERA UM DELES

um símbolo da cidade, totalmente de madeira e em plena atividade para moagem de grãos dos produtores. Durante a noite teve um vento muito forte e soltou a amarração das pás, que começaram a rodar rápido demais até que a madeira pegou fogo. O moinho nunca foi reconstruído.



O moinho queimado e ao fundo a torre da igreja.

A convite do vigário da paróquia entrei num grupo de coroinhas e depois de um tempo fui convidado para ajudar na missa de um bispo, van Oirschot, natural de Heeswijk e de férias na cidade. Fiz isto durante 3 semanas e enquanto estava ocupado com esta tarefa podia faltar aula. Outro grande benefício era a gorjeta que ele dava depois de cada missa.

Estudei nesta escola por seis anos e meio até que decidi continuar os estudos no Ginásio Sint Norbertus, também em Heeswijk, onde meu irmão Rien tinha estudado. Nos últimos meses de escola um amigo e eu tivemos aulas particulares de francês para facilitar o início dos estudos no ginásio; o francês era muito importante na época.



*Um piquenique com colegas do primário.
O segundo da esquerda para direita sou eu.*

Gymnasium Sint Norbertus

Comecei a estudar no ginásio em 1950, por alguns meses nas aulas preparatórias e depois no primeiro ano com mais 35 alunos. Somente os alunos que moravam perto eram externos, a grande maioria internos, somando 120 alunos no total. Os dias começavam às 7 de manhã e ficávamos na escola até às 10 da noite. Dias compridos incluindo sábados e domingos, com exceção nos domingos, quando eu podia ir para casa mais cedo, às 7 da noite, fazendo o trajeto de 4 km sempre de bicicleta.

A manhã iniciava com uma missa, pois o ginásio era uma escola para preparação de padres. Depois comíamos parte do nosso pão, trazido de casa, para em seguida frequentarmos as aulas de matemática, geografia, biologia, história, artes, religião entre outras e mais aulas de inglês, francês, alemão, latim, grego e holandês. Ao meio

EU ERA UM DELES

dia comíamos novamente nosso pão, e das 13h30min às 16h tínhamos aula novamente, e à noite algumas horas de estudo. As tardes de quarta e sábado eram reservadas para esportes e diversão e aos domingos às 10h da manhã havia a missa solene, e o resto do dia livre para nos divertirmos, mas sempre dentro o complexo da escola.

No estudo fui um aluno regular, menos em francês e grego, eu odiava estas línguas. Gostava do futebol e fazia de tudo para entrar no time principal da escola, mas meu defeito era que não gostava de cabecear, mas quando fiz um gol de cabeça nunca mais perdi meu lugar no time e também nunca mais fiz um gol de cabeça.



Nosso time no ginásio, estou em pé à esquerda.

Em 1953 aconteceu um desastre na Holanda: com uma tempestade romperam muitos diques e assim inundou grande parte das províncias de Zeeland e Noord-Brabant, mais de 1600 pessoas morreram e a água salgada do mar estragou muitas lavouras por bastante tempo, enquanto a perda de casas, construções e animais era enorme. O desastre ficou conhecido como Watersnoodramp.

Durante os anos no ginásio fizemos uma excursão para a capital da Holanda, Amsterdam, onde visitamos entre outros o museu Rijksmuseum e vimos sua peça mais famosa De Nachtwacht do mais conhecido artista da Holanda: Rembrandt van Rijn. Outra excursão foi

para Alphen aan den Rijn para visitar Avifauna, um parque com aves e plantas exóticas.

Certo dia fui junto com um grupo de alunos e um professor para Zieuwent, na província de Gelderland, visitar a família do professor. Fomos de bicicleta. Pedalamos uns 60km até chegar, ficamos um dia inteiro por lá e no outro dia, agradecendo a hospitalidade, voltamos para Heeswijk. Este mesmo professor tinha um apelido: Teun de Boer (Teun o Colono), infelizmente não me lembro do nome verdadeiro dele. Foi ele também que introduziu a caneta esferográfica na escola, grande novidade, vazando para todos os lados, mas funcionava e logo depois melhorou muito. Os professores eram padres ou estavam estudando para isto.

Depois de 4 anos estudando para ser padre comecei a duvidar sobre meu futuro, não queria mais continuar no ginásio, mas também não sabia o que fazer na vida. Tomei a decisão de voltar para casa. Meus pais não gostaram, mas não disseram nada e eu comecei a trabalhar ajudando na lavoura junto com meu pai e meu irmão Jo, enquanto Cun e Betsie também ajudavam na propriedade; Riky estava ainda estudando.

Hoje posso dizer que os anos neste ginásio foram muito importantes para toda a minha vida; aprendi muito o que mais tarde me facilitou enormemente para as atividades nas quais estava envolvido durante os anos que passaram.



Professores (os padres de branco) e alunos do ginásio.

Voltando para casa

Quando voltei para casa, a minha irmã Toos já estava no Brasil. Através de contato por carta com Wim Miltenburg em Holambra, ela emigrou e dois anos depois também Anny emigrou para Holambra onde as duas trabalharam como enfermeiras.

Também Diny, casada com Mark Driessen, emigrou, mas foi para o Canadá em 1953 e pouco depois Mien e Jet foram também para o Canadá onde Jet se casou com Wim van Crey. Com o casamento do Cor com Truus van Oort nossa casa esvaziou bastante.

O contato com os emigrantes era por cartas, que demoravam meses para chegar e outros meses para receber as respostas, já que não tinha telefone nem na casa na Holanda e eles nem no Brasil e no Canadá.

Em alguns jornais começaram aparecer notícias não tão boas sobre Holambra, mas meus pais não acreditavam naquilo, porque pelas cartas das minhas irmãs estava tudo perfeito.

Enquanto isso Marie casou-se com Piet Pennings e Rien estava estudando para professor, como resultado sobraram na casa Jo, Betsie, Cun, eu e Riky, que estava estudando num colégio em Veghel. Foi nestes dias que meu pai consultou todos que ficaram na Holanda se estes concordariam em emigrar para Brasil, juntamente com o pai e a mãe. A maioria não aprovou a proposta, pois cada um tinha a liberdade de decidir por si mesmo.



Cun e Jo tirando leite, Rien observando, e no fundo nossa casa.

Num certo dia recebemos visita de um padre da nossa paróquia, enquanto todos nós estávamos almoçando. Ele pediu auxílio para a igreja e deu como exemplo a quantia em dinheiro que um dos vizinhos tinha doado com a intenção de receber o mesmo valor. Meu pai não gostou nem um pouco da atitude dele e explicou que ninguém mandaria ele pagar qualquer valor e mandou o padre embora. Na mesma tarde ele voltou para pedir desculpas, mandado pelo vigário da paróquia.

Um dos costumes de região era de não negociar nada nos domingos para respeitar as leis da igreja, mas somente nos domingos os produtores tinham tempo para visitar parentes e vizinhos e automaticamente apareciam negócios como a compra de uma vaca, terneiro ou cavalo. Para não pecar contra as leis da igreja se fechava o negócio verbalmente e no outro dia se encontrava com o vendedor e se fechava o negócio um batendo na palma da mão do outro algumas vezes.

EU ERA UM DELES

Quando meu pai pediu para meu irmão Jo comprar uma porca prenha na feira em Den Bosch, ele pediu para eu ir junto; era a primeira vez que ele, com 20 anos, podia fazer uma compra. Escolhemos um belo exemplar e, chegando em casa, meu pai elogiou a compra, mas quando o bicho deu cria, poucas semanas depois, apareceu só um leitão. Até meu pai deu risada, mas meu irmão ficou bastante decepcionado.

Depois de uns meses trabalhando em casa, tinha dúvidas se era isto mesmo que eu queria e me inscrevi num liceu em Den Bosch para continuar os estudos, mas agora para veterinário; fui chamado mas na última hora desisti e continuei ajudando os meus pais.

Então ajudando na lavoura fui convidado para trabalhar, algumas horas por dia, recolhendo amostras de leite para análise nas propriedades dos produtores. Assim de manhã cedo e também à tarde, durante a ordenha, eu estava ocupado com este serviço. Aprendi bastante, inclusive como alguns produtores tentavam adulterar o resultado das amostras de leite.

À noite, durante 2 anos no inverno, frequentei um curso de agricultura em Dinther com mais 12 rapazes e também um curso de contabilidade com um professor particular, o qual terminei quando estava servindo no quartel; o exército dava condições de estudar à noite, quando não tinha exercícios.

Entre na juventude rural e participei do grupo de esportes, onde mais tarde me tornei líder do grupo e participamos de muitos torneios a nível regional.



Encontro dos líderes da juventude agrícola.

Fiz também um curso de danças clássicas em Dinther, onde conheci uma menina de lá e fizemos amizade. Saí com ela algumas vezes até quando ela pediu quantos irmãos eu tinha. Quando eu pedi quem queria saber, ela respondeu que eram os pais dela. Era para mim um claro sinal que eles não gostariam que sua filha namorasse alguém de uma família numerosa e sem muitos bens, pois os pais dela eram, para a época, bem abastados. Combinei outro encontro, mas não a procurei mais.

Meu pai fez de tudo para aumentar a renda na propriedade, diversificando a produção com moranguinhos e também flores para uma empresa do norte do país, além de outros. Nestes anos a economia da Europa começou melhorar bastante e as condições financeiras ficaram melhores; tinha pleno emprego e aqueles que procuravam serviço nas fábricas ganhavam um bom salário. Muitos filhos de produtores saíram do interior e se empregaram nas fábricas.

Servindo a Pátria

Certo dia recebi a carta que já esperava: precisei me apresentar em Den Bosch para fazer os exames para o serviço militar, que naqueles dias era obrigatório. Me apresentei e fui aprovado e não tinha como escapar. Quando 3 homens da mesma família serviam o exército, os outros não precisariam mais; aconteceu que meu irmão Cor era muito novo para servir antes da guerra e depois passou da idade. Rien não serviu por ser seminarista na época e Jo não serviu porque toda classe dele não foi chamada. Sobrou para mim servir a pátria.

Em fins de outubro de 1956 fui para o quartel em Amersfoort me apresentar na cavalaria, mas os cavalos foram trocados por tanques. Entrei na tropa de reconhecimento, os Huzaren van Boreel, de boina preta. Fiquei 6 meses em Amersfoort para aprendizagem e fiz parte da comunicação, lidando com rádio móvel dentro do jipe. Nossa unidade era composta de dois jipes na frente, dois tanques leves, um caminhão com a tropa e dois jipes com morteiros. Eu estava no segundo jipe junto com o comandante e o motorista. Todos do nosso grupo precisavam dirigir jipes, caminhões e também tanques de guerra em casos de urgência.

Cada 15 dias, nos finais de semana, podíamos ir para casa até segunda-feira de manhã. Num sexta-feira à tarde, prontos para pegar o trem, fomos avisados que o nosso quarto não estava limpo o suficiente e precisaríamos primeiro limpá-lo para depois poder ir para casa, somente no sábado. Fizemos uma reunião no quarto e a metade decidiu ir para casa mesmo assim e o resto ficou para fazer a limpeza. Então junto com mais 12 colegas peguei o trem para Den Bosch, aonde eu esperava a Polícia Militar para nos mandar de volta, mas nada aconteceu.

Peguei o ônibus para Heeswijk onde estava minha bicicleta e cheguei tranquilo em casa. No outro dia estava com meu irmão Jo trabalhando, uns 500 metros longe da casa, quando apareceu um jipe com dois policiais militares que vieram me buscar. Fui de bicicleta até Heeswijk acompanhado por eles de jipe. Prometendo não fugir e ir direto para o quartel, eles me deixaram viajar sozinho até meu destino. Chegando lá já encontrei uns 7 furtivos e até a noite 12 tinham voltado. O 13º procuraram por um mês inteiro e quando o acharam, ele foi direto para a prisão militar. No outro dia foi comunicado o castigo para nossa escapada: um mês inteiro sem poder sair da caserna, somente quando tinha manobras.

No primeiro final da semana nosso comandante buscou cerveja e batata-frita de fora da caserna para todos nós, é claro, às escondidas dos seus superiores. Ele confessou ter gostado da nossa escapada. E assim fizemos cada final da semana com o apoio dele.

Depois deste episódio os 12 sempre ficaram um defendendo o outro, e aprendi o que é uma camaradagem forte.

No final de abril de 1957 terminaram os meses de instrução e fomos transferidos para um outro lugar: het Harde, um lugarzinho perto do polder Flevoland, que na época estava quase seco, já que era um polder novo. Servi um ano inteiro lá, mas muitas vezes podia ficar em casa para ajudar na lavoura, principalmente no verão. Filhos de agricultores ganhavam esta licença com facilidade e outras vezes também ficava em casa, quando tinha alguma festa ou evento, mas isto com ajuda do nosso médico em Heeswijk que me deu os atestados.

Foi num dia destes que eu estava em casa, que minha mãe me disse que eu tinha mudado muito meu comportamento desde que eu havia entrado no quartel. Realmente eu também sabia disto, pois antes de entrar no quartel eu não ligava muito para as outras pessoas, mas no quartel cada um precisava do outro e assim aprendi sobre camaradagem e descobri que não estava sozinho no mundo.

Certo dia o meu irmão Jo me pediu o que eu esperava fazer no futuro, pensando na sucessão da propriedade dos meus pais, já que

EU ERA UM DELES

ficou claro que um de nós dois iria ficar com as terras, não tendo lugar para duas famílias futuramente. Os candidatos eram ele e eu, como era o costume naqueles dias: quando tinha filho homem este ficava na propriedade. Então eu disse que eu queria ser agricultor. Argumentando que a área era pequena demais para nós dois, ele pediu se nunca havia pensado em emigrar. Ele me disse também que para mim era mais fácil porque estudei mais o que poderia facilitar para aprender outra língua. Com isto ficou claro o desejo dele para ficar com a propriedade dos pais. Depois de pensar sobre o pedido dele, sabendo que ele já tinha se dedicado vários anos trabalhando para todos nós, decidi para abrir o caminho para ele e emigrar, em princípio para o Canadá.

Escrevi uma carta longa para minhas irmãs no Canadá manifestando minha intenção de emigrar e tentar começar uma lavoura. Quando chegou a resposta, também por carta, eu me assustei. Escreveram que a vida no Canadá não era nada fácil, era difícil começar como produtor e que eu precisaria pensar bem antes de tomar uma decisão. Meio confuso com isto escrevi outra carta, mas desta vez para minhas irmãs no Brasil. Um bom tempo depois recebi a resposta: “pode vir, aqui está tudo ótimo, tem a possibilidade para começar uma lavoura e os cunhados, Wim e Herman, estão à disposição para ajudar em tudo que precisar. Com esta resposta era fácil escolher para onde ir. A partir deste momento tentei sair do quartel para emigrar, mas as regras haviam mudado e não ganhei mais esta oportunidade, como meu cunhado, Wim van Crey, ganhou uns anos antes. A solução era esperar até completar um ano e meio de quartel.

Comecei então a me preparar para a grande aventura. Meu pai mandou dinheiro para a Cooperativa Holambra, 11.500 florins, para a entrada de uma área de 21 ha, da qual se podia plantar 17 ha. Quando contei tudo isto para meus amigos eles ficaram furiosos comigo:” Você ir para América Latina já é uma besteira e maior besteira é ir para o Brasil ao invés da Argentina”.

Chegou a nossa despedida do quartel. Lá fomos nós, os 12 e ninguém mais, apesar dos pedidos, para fazer nossa despedida. A festa

foi num restaurante chinês em Zwolle e num guardanapo anotamos os nomes e endereços de cada um para ficarmos em contato, o que naturalmente não aconteceu. Eu tenho guardado este guardanapo até hoje.



Os 12 prontos para sair para a festa em Zwolle, (eu no lado direito).

Despedida da Holanda

Cheguei em casa no final de abril de 1958 e a data da viagem foi marcada para 10 de maio, então havia pouco tempo para me preparar, comprar algumas ferramentas e utensílios, me despedir de parentes e vizinhos, contratar uma van para a viagem para Antuérpia na Bélgica e me encontrar pela última vez com minha amiga.



Na despedida dançando com minha irmã Riky.

Na última noite na Holanda fizemos a festa de despedida na casa dos meus pais e no dia seguinte, 10 de maio, partimos de van para o porto de Antuérpia. Os meus pais, Cun com o namorado, Jo, Betsie com o namorado, Truus a esposa de Cor, Rien e a esposa Riky, meu cunhado Piet, minha irmã Riky e os meus amigos Jan de Mol e Willy van Nuland e mais nossa vizinha Dien van Oss, me acompanharam nesta viagem.



A turma que me levou para o porto de Antuérpia, no navio.

Na despedida prometi voltar para a festa de bodas de ouro dos meus pais em 1970, o que realmente fiz.

A viagem para o Brasil

Embarquei no navio francês “Claude Bernard” e partimos às 15h30min. para Le Havre na França; embarcaram também as famílias Swart e de Bruin com destino Holambra. Compartilhei nossa cabine com os homens da família Swart.

No outro dia ficamos um dia e meio em Le Havre, caminhei um pouco pela cidade, e partimos no dia 13 para seguir nossa viagem.

A bordo já estavam vários alemães e em Le Havre embarcaram alguns franceses e ingleses, então várias nacionalidades, mais difícil para me comunicar porque comecei misturar as línguas.

No golfo de Biscaia senti no estômago que nós estávamos navegando, mas isto felizmente não demorou muito.

No dia 15 chegamos em Vigo, Espanha, onde vários espanhóis embarcaram e no outro dia era a vez de Leixões, Portugal, quando o navio encheu de portugueses.

A comida francesa era ótima e o vinho também, cada refeição era acompanhada com vinho tinto.

No dia 17 chegamos na ilha de Madeira e o navio ficou ancorado em alto mar. Uma pequena embarcação nos levou para a cidade de Funchal e fizemos um passeio pela cidade onde, pela primeira vez, vimos palmeiras e outras plantas exóticas.

Seguindo nossa viagem fizemos amizade com alguns padres franciscanos, chamando-os de freis, e um deles era Frei Willibrord, que deu aula de português até nossa chegada no Rio de Janeiro.

À noite tinha possibilidade de assistir uns filmes e também de tomar uma cerveja, o que nós não recusamos. No dia 22 passamos o

Equador com batismo para todos que pela primeira vez passavam pelo Equador. Poucos dias depois enxergamos uns peixes grandes do lado do navio, eram golfinhos que nos acompanharam por um bom tempo e no dia 26 conseguimos enxergar a costa brasileira. No dia seguinte chegamos no Rio de Janeiro com uma bela visão do Pão de Açúcar e do Corcovado. A convite dos freis franciscanos visitamos um convento no Rio e eles nos mostraram vários pontos turísticos da cidade.

Embarcamos novamente para nosso destino final, o porto de Santos, onde nós chegamos no dia seguinte, 28 de maio de 1958, depois de 18 dias viajando e ficamos felizes de poder deixar o navio e começar uma vida nova num país novo.

Holambra

Em Santos uma comitiva de Holambra nos esperava e junto com eles viajamos de ônibus para nosso destino: Holambra. Era noite quando chegamos na Fazenda Ribeirão, Holambra, e encontramos na sede da fazenda as minhas irmãs, Toos e Anny, junto com o presidente da cooperativa Charles Hoogenboom, que veio dar as boas-vindas para as famílias Zwart, de Bruin e a mim. Depois fui junto com Anny de charrete, no escuro, para a casa dela e quando estava sentado na charrete, olhando para a bunda do cavalo, pensei: "Aonde me enfiei?". Achei tudo muito estranho.

Nos primeiros dias fiquei na casa de Anny e Herman, visitei minha outra irmã Toos, quando meu cunhado Wim me levou para o centro de Holambra. No centro fui para o escritório da cooperativa pegar a correspondência que veio da Holanda e lá encontrei uma prima da amiga da minha irmã Riky: Betsie Sleutjes. Então foi lá que eu vi pela primeira vez minha futura mulher.

EU ERA UM DELES

Depois de uns 15 dias me mudei para a família de Pank van Kats, onde eu iria ficar hospedado por um ano, já que a propriedade dele ficava perto da minha.

Fui conhecer minhas terras e me assustei ao ver que a área era bastante dobrada. Comecei então trabalhar no que era meu, pela primeira vez na vida. De manhã cedo peguei a bicicleta e me mandei para a lavoura aonde comecei construir um pequeno galpão para guardar materiais e alguns implementos. O meu vizinho, Adriaan van Vliet, me ajudou na construção e em poucas semanas estava pronto meu abrigo. Na lavoura já tinha milho maduro para colher, plantado pelos cunhados 6 meses antes. Comecei a colheita mas o rendimento era baixo por ser a primeira planta numa área nova. Quando estava tudo colhido comecei o planejamento para o ano agrícola seguinte, com apoio do técnico da cooperativa, Geraldo Eysink. O resultado do planejado para safra 1958/1959 era o plantio de mandioca, arroz, milho e algodão. Destas culturas eu conhecia somente o milho o resto era total novidade para mim.

Meus cunhados providenciaram uns cavalinhos, uma carretinha e algumas ferramentas, assim eu poderia me dedicar à lavoura e para meu deslocamento eu tinha a bicicleta trazida da Holanda.

Comecei a preparar a terra usando um arado puxado pelos cavalos, mas isto demorou muito e era complicado pois a terra era muito dura pela estiagem. Contratei então serviço terceirizado para lavrar toda a lavoura. Quando em outubro começou a época das chuvas iniciei o plantio de mandioca seguido pelo milho e arroz e por último o algodão. Já tinha contratado um ajudante, um rapaz muito legal, e quando tinha muito serviço braçal contratava, através da cooperativa, mais gente para ajudar.

Depois de tudo plantado e de praticamente não ter saído de Holambra, decidi conhecer um pouco mais do Brasil e disse para minhas irmãs que no outro dia iria para a cidade de São Paulo. Elas acharam estranho, mas lá fui eu, pegando um ônibus para São Paulo aonde contratei um taxista para me mostrar os pontos turísticos mais

conhecidos da cidade.

Passei o dia lá e voltei para casa admirado pelo tamanho da cidade e pelo movimento: descobri que o Brasil não era somente Holambra.

Havia nos finais de semana, de vez em quando, um baile em Holambra dentro da marcenaria de Jan Aaldering. Para preparar o lugar para o baile, o pessoal encostava as máquinas nas paredes, passava uma vassoura para limpar o chão, colocava algumas cadeiras nas beiradas e o lugar estava pronto para o baile. Estes bailes eram somente para a juventude holandesa e já que não tinha bandinha, um voluntário tocava gaita para animar a turma.

Quando participei pela primeira vez, me assustei ao entrar no recinto; as meninas todas sentadas nas cadeiras e os rapazes amontoados num canto do salão. Na Holanda estava acostumado a sair com amigas e amigos todos juntos, mas aqui os dois grupos ficavam separados. O estranho era que depois de um casal ter dançado cada um voltava para seu lugar, a moça para a cadeira e o rapaz para o canto junto aos outros. Depois de ter verificado quem estava presente, vi a menina do correio (Betsie Sleutjes) e pedi uma dança para ela. Depois da dança sentei ao lado dela e começamos a conversar.

Também estranhei as roupas das moças holandesas: vestidos bem coloridos e soquetes brancos, como estavam vestidas as moças na Holanda dez anos antes. Notei que o tempo, para a maioria das pessoas na Holambra, parou, não somente na maneira de se vestir mas também na maneira de pensar sobre vários assuntos, principalmente a religião. Da evolução dos últimos 10 anos, pouco tinha chegado em Holambra, difícil de acreditar. Isto se traduziu também quando, junto com Henk van de Broek, que conhecia da Holanda, tomamos uma cerveja depois da missa num domingo, costume na Holanda mas quase um pecado na época em Holambra.

Sábados à tarde eu pegava a bicicleta ou a charrete e me mandava para um lugarzinho lá perto, chamado Cosmópolis ou Arthur Nogueira com a desculpa de comprar alguma coisa para a lavoura, mas

EU ERA UM DELES

eu queria mesmo era sair um pouco de Holambra para conhecer outros lugares e falar também com outras pessoas, não somente com holandeses. Aos poucos comecei a entender e falar um pouco melhor o português, uma língua muito difícil para nós europeus. Fiz também um passeio montado a cavalo, com Pank van Kats, para Cosmópolis mas não gostei muito, porque senti meu corpo dolorido por vários dias; não estava acostumado andar a cavalo.

Ainda no ano de 1958 comecei namorar Betsie (Alberta Wilhelmina Maria Sleutjes), filha de Alphonsus Sleutjes e Theodora Maria van den Oetelaar. Eles eram em 6 irmãos: Mien, Betsie, Jan, Adriaan, Thea e Albert.



A família Sleutjes da esquerda para direita: Adriaan, Alphonsus (pai), Mien, Albert, Thea, Jan, Theodora (mãe) e Betsie.

Ela me visitou várias vezes na lavoura para ver o que eu estava fazendo. Muitos me perguntaram se não tinha saudades da Holanda e a verdade é que tinha às vezes; tive mais saudades no primeiro Natal no Brasil, longe dos pais, irmãos e amigos e sem o frio e neve como na Holanda, mas depois não mais, eu tinha serviço demais para me preocupar com saudades.

Começou o ano de 1959, um ano de turbulência na Holambra. Quando cheguei em Holambra já notei que havia alguma coisa errada e aos poucos comecei a descobrir que vários associados não estavam contentes com as decisões da diretoria da cooperativa, entre eles vários vizinhos meus. A oposição estava com medo, entre outros, de não receber a escritura depois de ter liquidado os pagamentos que era com prazo de 10 anos. Também reclamavam que alguns membros tinham crédito bem acima do limite, enquanto outros, da oposição, não conseguiam nada ou quase nada. Todo movimento financeiro passava pela cooperativa o que não agradou a muitos. Os prestadores de serviço, como pedreiros, carpinteiros, patrulha agrícola entre outros, ganhavam o serviço prestado sempre à vista mesmo quando o produtor não tinha recursos. Um dos membros da oposição era um veterinário, contratado pela cooperativa, outro era um padre.

E eu, novato em Holambra, estava cercado de opositores, meus vizinhos, e também meu futuro sogro apoiou a oposição. Do outro lado estavam meus dois cunhados, Wim e Herman, fanáticos defensores da diretoria. Tentei descobrir ao fundo o que estava acontecendo e o resultado era que a oposição achou que eu estava apoiando a diretoria e os outros, meus cunhados e a direção, acharam que eu fazia parte da oposição; era complicada minha situação.

Na verdade eu não concordava nem com a diretoria e nem com a oposição, pelo fato de os dois lados serem muito radicais.

Numa assembleia geral o presidente Hoogenboom tratou os membros da oposição com tanta arrogância e raiva que eu deixei a sala de tão nervoso e, lá fora no escuro, desmaiei; felizmente ninguém viu e fui para casa.

EU ERA UM DELES

Na Holanda a minha irmã Marie e a família dela estavam prontos para vir para Holambra e eu fiquei em dúvida de avisar o que estava acontecendo, mas decidi não reagir para não agravar a situação para eles e para mim também.

O descontentamento chegou a tal ponto que várias famílias se desligaram da cooperativa e saíram para novos rumos, desta vez para o Estado de Santa Catarina. Não todos do grupo foram embora, meu futuro sogro e alguns outros ficaram em Holambra.

Na metade do ano de 1959 chegou a família da minha irmã, formada pelo casal, Piet e Marie, e os filhos Henk, Ad, Marijke e Betsie, depois no Brasil nasceram Peter e Margareth. Depois que eles se instalaram na propriedade em Fundão, não muito longe da minha lavoura, fui morar com eles; passei um ano com a família van Kats e sou muito grato pela hospitalidade e amizade desta família.



Betsie me visitando na lavoura.

Depois de ter terminada a colheita, que foi razoável, comecei novamente planejar o novo ano agrícola, agora com um pouco mais de conhecimento sobre o que plantar e como conduzir as culturas. Decidi plantar novamente arroz, milho e algodão mas também uma área de 1,2 ha de amendoim e 4 ha de soja, que chamavam a grande cultura do futuro.

Num certo dia, falando com meu cunhado Wim, ele me disse que notou que eu não estava muito contente com a situação. Então, com uma conversa franca, expliquei que não gostava da minha lavoura, sendo muito dobrada e com terra não muito produtiva, fora o tamanho que eu achava pequeno. Então ele perguntou o que eu queria no futuro e respondi que queria chegar numa área de no mínimo 200 ha. Ele me respondeu que em Holambra não havia lugar para propriedades deste tamanho, o que provocou minha resposta de provavelmente não querer ficar em Holambra.

Foi neste ano que o Príncipe Bernhard da Holanda visitou Holambra e meu futuro sogro foi escolhido para recebê-lo em sua propriedade, uma grande honra para a família da Betsie.

Com o início das chuvas em setembro comecei novamente o plantio e pouco tempo depois estava toda lavoura em boas condições. Nestes dias o meu vizinho, Toon van Noyen, ficou doente e eu fui lá várias vezes para ajudar a família, como também ajudei algumas vezes o pai da Betsie, quando ele estava impossibilitado de trabalhar por problemas na coluna.

Chegamos no ano de 1960, iniciando a colheita comecei com o amendoim, um imenso trabalho, boa produção mas com preço de venda muito baixo. Vendida toda produção o preço subiu e chegou no dobro que eu tinha recebido; coisas que eu precisei me acostumar; pela primeira vez fiz uma colheita de soja com rendimento razoável para a época.

Mudanças a vista

Os pais da Betsie fizeram uma viagem para Não-Me-Toque, Rio Grande do Sul, para visitar parentes e amigos que haviam ido para lá uns 9 anos antes e na volta não pararam de elogiar o tal de Não-Me-Toque, me incentivando para dar uma olhada por lá, resultando em uma viagem, junto com o pai da Betsie, para o Sul. Viajamos de trem, dois dias e três noites, e na chegada fomos bem recebidos pelos holandeses de lá. Gostei das lavouras que estavam com trigo, aveia e trigo mourisco, tudo verde. Também gostei da maneira como os holandeses viviam: no meio dos outros moradores, não em grupo isolado como na Holambra. A maioria dos moradores eram de origem alemã ou italiana, o que facilitou a integração.

Com a ajuda dos amigos do meu futuro sogro, visitamos várias propriedades e verificamos a possibilidade de começar por conta própria. As terras eram baratas e boas, o que para mim ficou muito atrativo. Depois de verificar algumas opções, voltamos para Holambra e decidi vender a propriedade em Holambra e ir para Não-Me-Toque, sob a condição de que Betsie iria junto comigo. Pedi ela em casamento e, com o aval dos pais dela, marcamos como data do nosso casamento dia 12 de janeiro de 1961.

Mandei a notícia para meus pais na Holanda e eles decidiram para vir para Brasil por 6 meses, assim eles iriam participar da nossa festa de casamento.

Viajei novamente para o Sul aonde cheguei no dia 7 de setembro, feriado, onde junto com o tio da Betsie fui para um desfile de 7 de setembro no Campo de Colorado, onde reencontrei Frei Willibrord, aquele que me deu aula de português no navio.

Em Holambra já tinha acertado a venda para a família Beckers, sob condição de compra em Não-Me-Toque.

Visitamos algumas áreas que estavam à venda, mas achei todas bastante afastadas da cidade, por isto arrendei 25 ha de Wilmo Benz, perto da cidade, terras boas e lindeiro com o tio da Betsie, Jan Daandels. Aluguei uma casinha de madeira com galpão localizada perto das terras pertencendo a um holandês que tinha voltado para Holanda. Combinei o plantio, toda área com soja, com Daandels e Piet Uitdewilligen, um grande amigo do pai da Betsie, e voltei de trem para Holambra.

Em Holambra vendi as terras para Beckers, como combinado, e comecei a preparar a mudança e também nosso casamento. Marcamos para dia 11 de janeiro de 1961 o casamento civil e para dia 12 o religioso.



Os noivos.

EU ERA UM DELES

No mês de outubro chegaram meus pais de navio no porto de Santos, aonde nós, minhas irmãs, Betsie e eu, os buscamos de ônibus. Estava chovendo quando eles pisaram na terra firme e minha mãe, vendo Betsie, pediu se era preciso usar uma capa de chuva muito folgada. Então respondi que sim pois estava chovendo bastante forte; ela estava pesquisando se Betsie talvez estivesse grávida. Na cidade de São Paulo fizemos uma parada para tomar um cafezinho num restaurante ao lado da estrada. Quando entramos minha mãe reclamou da sujeira nas paredes, o que nós nem observávamos mais, de tão acostumados depois de alguns anos no Brasil.

Para fazer nossa mudança contratamos um caminhão de propriedade de Piet Wolfs e Peter Rietjens, os quais vieram do Sul para carregar meus pertences e também os da Betsie. Carregamos a charrete, carroça, implementos e todo o resto, com o lugar que sobrou aproveitamos para preencher com milho em grão, pois o preço no Sul era bem mais alto do que em São Paulo.

Na viagem os dois, Piet e Peter, se revezavam na direção e depois de alguns dias chegamos em Não-Me-Toque, onde por um mês fiquei na casa dos Daandels.

A soja já estava plantada e me dediquei em deixar a lavoura limpa e ajudei também o Daandels e o Uitdewilligen em suas lavouras, até voltar para Holambra de trem no dia 23 de dezembro.

Meus dois cunhados, Wim e Herman, não gostaram que eu estava saindo de Holambra, mas não tinham como impedir. Ficou claro que meus pais também não gostaram, mas eles não comentaram nada.

O casamento

Para nosso casamento vieram do Sul de jipe Piet Uitdewilligen, o dono do jipe, Jan Daandels, Herman van Ass e Frei Willibrord. No dia 11 de janeiro o Piet, de jipe, levou Betsie e eu para Jaguariúna onde nos casamos pelo civil, com Piet de testemunha. No outro dia nos casamos pelo religioso em Holambra, na parte da manhã com uma missa solene celebrada por três padres: Frei Willibrord, o Vigário da Holambra Padre Paulinus Gevers e um amigo da família da Betsie: Padre Otto van de Burgt. Depois da missa uma kombi nos levou para Mogi-Mirim para uma sessão de fotos, junto com um casal que havia casado uma semana antes. O resto do dia foi uma festa numa barraca montada no pátio da casa da família da Betsie.



Casados.

EU ERA UM DELES

A noite de núpcias foi na casa do vizinho, Toon van Haren e no dia seguinte começou nossa viagem de núpcias. Depois do meio-dia saímos de Holambra de jipe, Piet Uitdewilligen como motorista, Jan Daandels e Frei Willibrord na frente e Betsie e eu atrás. Na primeira noite dormimos em Capão Bonito, num hotelzinho para motoristas de caminhão e no dia seguinte chegamos em Castro, no Paraná, onde ficamos na casa de um tio da Betsie, Jos Sleutjes. No outro dia, domingo, na saída da igreja depois da missa, encontramos o casal Frans Stapelbroek e Annie Rietjens que moravam no Sul e eram conhecidos da Betsie. Desde o primeiro encontro o Chico (Frans) se tornou meu melhor amigo. Na segunda-feira seguimos viagem e a noite chegamos em Mafra, Santa Catarina, onde finalmente dormimos num hotel bom e partimos no outro dia para nosso destino Não-Me-Toque, onde chegamos cansados e sujos de poeira, no dia 17 de janeiro. Ficamos hospedados por alguns dias na casa dos Daandels até que nossa casinha estivesse preparada para nos receber.

Não-Me-Toque

Nossa casa de madeira era a uma distância de 2 km da cidade e atrás da casa tinha um galpão com lugar para criar uns porquinhos também. Depois de terminada a limpeza e pintura da casa, fizemos um banheiro com chuveiro no galpão onde antes tinha um chiqueiro. O nosso poço de água era fundo, mas mesmo assim com alguma estiagem secava o que nos obrigou a buscar água numa sanga uns 200 metros atrás da casa, também a roupa, muitas vezes, nós lavávamos na sanga. Depois de uns dias, compramos nossos móveis em Carazinho e assim ficamos bem instalados na nossa nova moradia, feliz da vida que finalmente estávamos sozinhos no nosso canto.

Comecei construir um chiqueiro maior com paredes de costaneiras para gastar o mínimo possível e procurei um trator para comprar. Depois de um tempinho achei um trator; um Corbitt a gasolina de 30 HP, sem hidráulico, usado e importado dos Estados Unidos.



Lavrando com meu primeiro trator: um Corbitt.

No mês de março os meus pais vieram de Holambra para nos visitar, acompanhados da Mien, irmã mais velha da Betsie, e eles ficaram por 15 dias conosco. Eles vieram de avião, um DC3, e os buscamos no aeroporto de Carazinho. Na chegada, vendo a casa, minha mãe disse: “Parece a casa de João e Maria”, de tão pequena. Na primeira semana só chovia, então era difícil visitar os conhecidos e conhecer a região, mas na segunda semana, com sol, exploramos a redondeza e falamos com muita gente. Até o retorno deles, já no aeroporto, meus pais não tinham comentados nada sobre minha ida para o Sul, mas quando estavam prontos para entrar no avião, meu pai me disse que achava que eu tinha feito uma boa escolha, pois a região prometia muito pelo que ele havia conseguido observar. Com isto, claro, fiquei muito contente e me deu mais forças para enfrentar as dificuldades que certamente estavam me esperando.



Meus pais com Betsie e eu no aeroporto de Carazinho nos despedindo.

Num belo domingo de manhã, depois da missa, nós saímos de uma padaria com o pão na mão quando, do outro lado da rua, um dos holandeses que estavam passando, nos disse que não teríamos sucesso comprando pão. Ele queria dizer que nós deveríamos fazer pão em casa para fazer economia.

Na semana da Páscoa veio um vizinho, o Sr. Viau, nos dar as boas-vindas, trazendo um belo peixe o que nós apreciamos muito.

No mês de abril foi feita a colheita da soja com a máquina de Piet Uitdewilligen com resultado regular. Lavrei a terra e comecei o plantio de trigo e linhaça, depois uma área com batata. Contratei um filho de um dos vizinhos, Otto Fath, e depois da colheita do trigo e linhaça iniciamos o plantio da soja e do milho.

Quando vendi a propriedade para Beckers, recebi o valor combinado integral e depois a cooperativa de Holambra me pagou corretamente parte das sobras que eu tinha direito.

Enquanto isto Betsie engravidou e estávamos esperando nosso primeiro filho para o mês de janeiro de 1962.

No dia 7 de janeiro nasceu Adriano Afonso Maria van Lieshout no hospital de Caridade com 1,750 kg. Muito pequeno e frágil, descobrimos logo que ele estava com um problema de saúde e consultamos o médico no hospital de Caridade, mas não contentes com o atendimento procuramos outro médico no hospital Alto Jacuí onde o médico, Dieter Schmiedt, nos atendeu. Ele examinou a criança e disse para nós procurarmos um especialista porque Adje, como era chamado, sofria com um problema no coração. Consultamos um especialista de Carazinho que nos confirmou o diagnóstico do Dr. Dieter e disse que o problema era grave e não havia nada para fazer. E assim no dia 3 de junho faleceu nosso primeiro filho depois de nós termos feito o possível, durante estes meses, para a sua sobrevivência. Tivemos muito apoio de toda comunidade de Não-Me-Toque nestes dias tristes.



Betsie com Adje nos braços.

EU ERA UM DELES

Logo depois Betsie foi para Holambra visitar seus pais e familiares e quando voltou me disse que estava grávida novamente. No dia 29 de janeiro de 1963 nasceu Adriano Afonso, com boa saúde o que para nós dois foi um alívio e uma grande alegria.

Comprei um lote de leitões de um vizinho, que nós engordamos com milho e trigo-mourisco, quando estavam prontos para abate voltei para o mesmo vizinho para fazer outra compra e por minha surpresa vi parte do lote da primeira compra quase com o peso de 2 meses antes.

Enquanto isto me dediquei a lavoura, mas também lidei com a juventude holandesa de Não-Me-Toque; a comunidade holandesa tinha uma associação que regularmente fazia encontros e eventos, dos quais um era dirigido para a juventude. De vez em quando dava aula de ginástica, como eu aprendi e ensinei na Holanda.

Num certo dia um Frei Franciscano veio me pedir para fazer parte da FAG, frente agrária gaúcha, e eu aceitei porque este movimento prometeu ajudar o pequeno produtor, a minha classe, pois eu também era pequeno produtor. Mas com o passar do tempo descobri que este movimento estava indo para a política esquerdista e me desliguei. Deste movimento saiu mais tarde o braço agrícola do PT, o MST.

Enquanto isto, na Holanda casaram as minhas irmãs Betsie, Cun e Riky e meus irmãos Rien e Jo. Logo depois Riky e marido emigraram para Canadá

Recebi um convite para, junto com alguns holandeses, visitar conhecidos deles na cidade de Colorado e Ibirubá, com a intenção de tentar trazê-los para Não-Me-Toque junto ao convívio dos outros holandeses. Visitamos a família Giessen e van Esch em Colorado e as famílias Leermakers e Wolfs em Ibirubá. A única família que veio para nossa cidade era a dos Wolfs.

Chegamos no ano de 1964 e Betsie estava grávida novamente, esperando o nenê para o final de março.

A nossa situação financeira começou a melhorar um pouco e por isto conseguimos comprar um trator novo o Massey-Ferguson 50, o que ajudou muito nas lidas da lavoura.



O meu primeiro trator novo.

No dia 26 de março chegou a notícia que Cor van Schaik, 44 anos, tinha falecido de um ataque de coração, foi um susto muito grande para todos; ele deixou mulher e 5 filhos.

Um dia depois, na sexta-feira santa, nasceu Afonso Lamberto com boa saúde e foi batizado na missa de Galo na Páscoa.

Num certo dia eu precisava resolver um problema com o arado e fui para a fábrica de Jan Rauwers onde ele foi fabricado. Enquanto um funcionário estava resolvendo o problema, Jan Rauwers me convidou para tomar um café na casa dele. Lá já se encontraram alguns holandeses: van Riel, Souilljee, Assinck, Stapelbroek e um padre holandês Wouters, todos da velha guarda. Quando começaram falar sobre religião, eu também tentei participar, mas as minhas ideias se chocaram com as deles e eu estava feliz para poder sair do ambiente e ver se meu arado estava pronto. Também aqui o tempo parou para os holandeses, que não acompanharam a evolução dos últimos anos desde que saíram da Holanda.

Lavoura própria

Feliz da vida com a família e a lavoura que estava indo bem, veio um vizinho, Piet Wolfs, nos oferecer a propriedade dele de 27ha, pois ele iria voltar para Holanda para tentar a recuperação da esposa que estava com câncer avançado. Comprei a terra dele em prestações anuais. Desta área se podia plantar 17ha, assim, com mais a terra arrendada, ficamos com 42ha de planta; crescemos um pouco. Nós fizemos a mudança e assumimos também o gado e outros animais que estavam na propriedade, assim aumentando meu serviço.

No dia 17 de junho eu estava trabalhando com o trator, quando Piet veio se oferecer para ajudar, já que ele não tinha mais nada para fazer até sua viagem para Holanda. Concordei e ele começou trabalhar com o trator enquanto eu fui para a casa do Daandels. Logo depois recebi a notícia que ele caiu com o trator de um barranco. Fui lá e o encontrei deitado no chão, com uma perna quase cortada fora pela grade; consegui falar com ele, mas logo veio uma ambulância para levá-lo para o hospital. Quando o trator desceu barranco abaixo, ele caiu e o trator passou por cima dele, esmagando vários órgãos internos. Infelizmente ele faleceu poucas horas depois, deixando 6 filhos e a esposa, que estava muito doente.



Betsie, Adriano e Afonso com um galpão novo que nós construímos ao fundo.

Foi nos anos 1964/1966 que muitos holandeses voltaram para Holanda, não vendo possibilidades de crescer ou por outros motivos como saúde, medo de ver os filhos se casarem com brasileiros, saudade da Holanda entre outros. Cada um tinha seu motivo e por isto tentaram também levar consigo aqueles que não queriam voltar. Assim também o Sr. Spreeuwenberg tentou me convencer para voltar, mas minha resposta era que eu queria ficar no Brasil e somente iria desistir se meus filhos não tivessem capacidade intelectual para se defender na vida.

Num certo dia, em conversa com Frei Irineu van Tongeren, pároco da igreja de Não-Me-Toque, ele me pediu para, junto com mais alguns membros da associação holandesa, tentar melhorar o ambiente no grupo dos imigrantes. Já por muito tempo existiram dois grupos que se alternavam na diretoria da associação e não conseguiam se entender, talvez pelas divergências durante a existência da cooperativa Gaulanda. Esta cooperativa foi fundada pelos holandeses com participação de brasileiros e encerrou suas atividades quando foi fundada outra cooperativa, a Cotrijal, aonde a maioria dos produtores se associou. Estes dois grupos eram liderados de um lado por Sjaak van Riel e de outro lado por Leonardus Philipsen.

Com apoio do Frei Irineu e de um estagiário da Holanda, Bert Huizinga, formamos o Conselho Social Econômico, que iria tratar dos assuntos da associação na área social e econômico e todo o resto ficou com a diretoria da associação. Faziam parte deste conselho: Teodorus Hagen, como presidente, mais Adrianus van Riel, Johannes Assinck, Jan Michels e eu. Com esse conselho melhorou bastante o ambiente entre os grupos e conseguimos fazer um bom trabalho. Quando Hagen voltou para Holanda fui nomeado presidente e para completar o conselho entrou Hendrikus Souilljee. Os serviços prestados deste conselho eram principalmente contatos com embaixada e consulado, ajudar com a documentação aqueles que queriam voltar para Holanda, intermediar o acesso a aposentaria da Holanda para os de mais idade, acompanhar e ajudar o Eng.Agr. Bouwman, cedido pela Holanda para as colônias holandesas do Paraná e depois também atendendo Não-Me-Toque, nos

EU ERA UM DELES

trabalhos junto aos produtores, encaminhar pedidos de financiamentos para aquisição de terras para os membros da associação, recursos estes disponibilizados pelo governo holandês. Com o passar do tempo este conselho assumiu todos os serviços da associação e se desfez como conselho para continuar como diretoria da associação.

Depois do Bouwman tivemos outros agrônomos que de vez em quando vinham para Não-Me-Toque para dar assistência nas lavouras e fortalecer contatos com Embaixada, Consulado e Holanda; foi de grande valor o serviço por eles prestados.

Durante estes anos tivemos algumas vezes a visita dos pais da Betsie e de outros familiares entre estes a minha irmã Marie.

No dia 20 do mês de agosto de 1965 nevou muito na nossa região, o que é fora do comum, caiu 25cm de neve, um espetáculo lindo que ninguém esquece mais.

No dia 24 nasceu, no hospital Caridade, mais um filho homem, Paulo Alberto, também com excelente saúde, resultando em muito mais trabalho para Betsie, agora cuidando de três filhos.

No dia 18 de outubro recebemos uns telegramas para irmos com urgência para Holambra, pois a mãe da Betsie estava muito mal no hospital em Campinas. Fomos de ônibus para Porto Alegre com a intenção de pegar um voo, mas todos estavam lotados. Fomos de ônibus para Curitiba e lá conseguimos um voo para São Paulo, completando o último trecho de ônibus. Quando chegamos no dia 20 em Holambra soubemos que ela tinha falecida um dia antes, então no dia 19, e já havia sido enterrada. Triste história, mas as ligações na época eram muito precárias. Na lavoura fiz várias experiências com calcário e a partir deste ano comecei calcariar toda lavoura. Fiz outros testes com várias variedades de soja o que ajudou em uma melhor escolha no plantio do ano seguinte.

Em 1965 fui eleito conselheiro fiscal suplente da Cotrijal, assim iniciando uma ligação mais forte com a cooperativa.

No ano de 1966 compramos de Theodorus Hagen uma colhedeira usada, Aktiv, que foi importada da Scandinávia. O Sr. Hagen voltou com a família para Holanda.

No início de 1967 veio me visitar um novo estagiário da Holanda, Alex Barteling e me fez a proposta de comprar a propriedade de Theodorus Jurrius na Vila Conceição. Em princípio eu estava relutante pois a área era grande e eu tinha poucos recursos, mas ele argumentou que eu teria direito a um financiamento da Holanda, por ter ajudado tantos outros a conseguir os recursos para compra de terra. Comecei trabalhar para conseguir os recursos necessários: pedi um financiamento através da Embaixada no Rio de Janeiro, que foi me concedido, vendi os 27ha de terra para um Jugoslavo, Pavlo Klain, e assim consegui os recursos para comprar parte da área e outra parte seria arrendada com direito a compra; totalizando 125ha. Quando alguém me disse que Jurrius, na Holanda, estava negociando a propriedade dele para outra pessoa fiquei assustado pois eu já tinha vendido a minha área de 27ha. Para resolver este problema precisei viajar por duas vezes para a Embaixada no Rio, mas com a intermediação da embaixada, que mandou alguém falar com Jurrius na Holanda, ficou tudo resolvido. Foram vários meses de incerteza, com minha propriedade já vendida e com a possibilidade de ficar sem terras para produzir, mas deu tudo certo.

Vila Conceição

Em 1967, depois da safra em junho, nos mudamos para Vila Conceição. A mudança foi feita com o mesmo caminhão que buscou nossa mudança em Holambra, mas agora com outro dono e nós fomos de kombi, que tinha entrado no negócio da venda dos 27ha.

Nestes dias entrei como conselheiro fiscal efetivo da Cotrijal junto com Carlos de Negri e Norberto Pletsch.

Quando fechamos o negócio com Jurrius adquirimos também toda maquinaria: 2 tratores Zetor, um Allis Chalmers, um Lanz Bulldog, arados, grades e demais implementos, mas tudo sucateado. Ficamos somente por um ano com este material exceto o Allis Chalmers que vendemos alguns anos depois.

Nestes dias fizemos uma viagem para Holambra de kombi e convidamos Wim Daandels e Wim Uitdewilligen para nos acompanhar e servir também de motoristas. Saímos de madrugada e chegamos de madrugada no outro dia em Holambra somente parando para abastecer ou comer alguma coisa, pegamos muita cerração. Estavam conosco também o Adriano, Afonso e Paulo. Em São Paulo pegamos a rodovia Castelo Branco, recém inaugurada.

O combate das pragas era feito com um pulverizador formado com dois tambores de óleo, de 200 litros cada, emendados.



Aroní e João Benz pulverizando soja.

Em 1968 compramos mais um trator novo, um MF65 e conseguimos aumentar a área com mais 25ha, comprados de Jan van Vught, que um ano depois veio a falecer de câncer deixando a viúva e três filhos; ele estava com 27 anos.

As terras nestes anos eram lavradas duas vezes por ano, uma vez para plantar trigo ou cevada e depois da colheita se lavrava de novo para plantar soja ou milho. A Associação Holandesa promoveu por duas vezes uma competição para escolher quem seria o melhor lavrador. Na primeira vez participei com o MF50 e o arado de 2 discos e consegui o segundo lugar, na segunda vez participei como membro do júri. Esta competição era feita nas terras do Chico Stapelbroek, onde hoje existe a fábrica do Grazmec.

Fiz parte do grupo que fundou o Sindicato Rural de Não-Me-Toque em 5 de setembro deste ano.

No dia 6 de outubro nasceu Marcelo Teodoro no Hospital de Caridade, também com boa saúde.

Nós compramos uma colhedeira MF410, que veio substituir o velho Aktiv. O transporte da soja fizemos por um bom tempo com duas carretas emendadas, levando o produto para a cooperativa.

EU ERA UM DELES



Assim a soja era levada para a cooperativa.

Em 1969 nos ofertaram mais 52ha bem localizados, mas eu não tinha recursos suficientes para esta área. Quando contei para Betsie da oferta, ela me disse para comprar este pedaço de terra, o que fizemos. Vendemos um fusca, tinha algum dinheiro guardado com a colheita feita para terceiros e conseguimos um empréstimo de Thomas Sanders, assim compramos a área, totalizando um pouco mais de 200ha, a área que eu tinha imaginado 10 anos antes.

No início de 1970 a comunidade holandesa de Não-Me-Toque recebeu visita do embaixador da Holanda, acompanhado pelo Sr. Jos van Campen, presidente da Central de Emigração Católica da Holanda. Como sempre, a visita foi bem recebida e à noite foi oferecido um jantar no restaurante do Hotel Eichler com a presença de muitos imigrantes holandeses. Foi depois do jantar que Jos van Campen, no seu discurso, disse que em Holambra 2 tinha lugar para produtores nossos irem para lá, mas não para todos. A diretoria de Holambra iria escolher quem poderia ou não ir para Holambra 2. Os presentes não gostaram nem um pouco da atitude dele e deixaram isto bem claro, com isso ele se retirou e não voltou mais. No mês de maio fui, junto com Betsie, para Holanda e na escala em Dakar na África vi que Jos van Campen estava no mesmo

voo e perguntei o porquê de sua fala em Não-Me-Toque. Ele me disse que estava trabalhando para trazer mais produtores para Holambra 2. Combinei, junto com Herman van Ass que estava no mesmo voo, uma visita no escritório dele em Haia com dia e hora marcados. Quando, alguns dias depois, chegamos em seu escritório, não fomos recebidos.

Estávamos na Holanda para festejar as bodas de ouro dos meus pais e quem nos acompanhou foi o pai da Betsie. Os filhos ficaram sob cuidados dos amigos e parentes: Adriano e Marcelo na casa de Frans Stapelbroek, Afonso e Paulo na casa do irmão da Betsie, Jan, em Porto Alegre.

Ficamos por lá seis semanas e aproveitamos para fazer uma excursão para Alemanha e Bélgica. Era nossa primeira viagem de muitas para Holanda.

Chegou energia elétrica na nossa casa em Vila Conceição o que trouxe alívio para Betsie com a compra de máquina de lavar roupa, geladeira, TV e todas outras facilidades para o serviço na casa. Pouco tempo depois foi também instalado telefonia rural na propriedade.

Para limpar a lavoura do inço usamos uma capinadeira dirigível da marca Stara puxado pelo trator.



Aqui estou mostrando a capinadeira para meu cunhado Adriano Sleutjes.

EU ERA UM DELES

Há vários anos levava os filhos para a escola na cidade de Kombi, levando-os de manhã e buscando ao meio dia, mas quando eles tinham aulas também à tarde procuramos uma alternativa. Certo dia veio Frans Stapelbroek nos oferecer sua casa para comprar e na mesma hora fechamos a compra de um terreno de 13.500m² com casa de alvenaria na cidade com a condição de poder morar lá somente um ano depois, para ele concluir a construção de uma casa nova.

No dia 13 de novembro de 1971 nasceu Eduardo Willy, mais um homem na família como um dia antes previsto por Adriano quando ele disse, sabendo da chegada de mais um nenê, “Então amanhã estaremos com 6 homens na casa”.

Rua Vasco da Gama, 452

Em 1972 chegou a notícia do falecimento da minha mãe na Holanda, com 76 anos de idade e um ano depois fui sozinho para Holanda visitar meu pai, como prometido em 1970 para comemorar o 90º aniversário dele. Ele veio a falecer em 1974.

Na escola São José, onde os filhos estudavam, foi formado um grupo de danças folclóricas gaúchas do qual o Adriano fazia parte. Um tempo depois um grupo de pais, do qual fazia parte, fundou o CTG Galpão Amigo de Não-Me-Toque.

Em 1975 conseguimos comprar da família Auler uma área de 7 ha, muito bem localizada e começamos a construir um armazém de 1.000m² e uma casa. Quando terminou a construção, em 1976, começamos guardar soja ensacada para semente para depois da safra destinar para a Cotrijal. Estava na hora de dar um nome para nosso negócio. Escolhi o nome: Agropecuária Gaulanda, nome emprestado da antiga cooperativa Gaulanda.



*Em frente ao Armazém, da esquerda para a direita:
Eduardo, Afonso e Arthur Kaiser.*

No mesmo ano fui eleito conselheiro efetivo de administração da Cotrijal e por muito tempo participei deste conselho. Como conselheiro participei de uma viagem, com mais 6 membros, para o norte de Goiás, o que hoje é Tocantins, com a intenção de procurar terras para nossos associados. O resultado não foi positivo, mas a partir desta data comecei me interessar pelo Centro-Oeste e voltei muitas vezes tanto para o estado de Goiás como para Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais. Várias viagens fiz com Frans Stapelbroek, Eloi Berres e Werner Goellner, cada vez gostando mais da região.

Foi no ano de 1976 que aconteceu o primeiro Zeskamp entre as colônias holandesas no Brasil. Com minha família fui para Holambra para visitar os parentes e também ver como funcionava o Zeskamp. Estavam lá Carambeí, Castrolanda, Arapotí, Holambra 2 e Holambra 1, este último participando com dois times para completar os seis. No encerramento pediram para Não-Me-Toque começar participar e, depois de ter consultado Frans Stapelbroek, que também estava lá, assinei o compromisso da participação de Não-Me-Toque. Desde então a nossa associação sempre participou do Zeskamp.

EU ERA UM DELES

Foi neste ano que eu decidi me naturalizar brasileiro como vários holandeses já haviam feito; isto facilitou a aquisição de terras e fui eleito presidente da Associação de Pais e Mestres da escola São José, onde os filhos estudavam.

Numa viagem que fiz com Frans Stapelbroek, Eloi Berres e Werner Goellner comprei 2.000 ha de terras em Pedra Preta, Mato Grosso. Era uma área de serrado, plana, bem localizada com estrada asfaltada em frente, mas ninguém sabia se era possível produzir soja neste cerrado e quando apareceu uma área de 47 ha em Não-Me-Toque, troquei os 2.000 ha por 47 ha no nosso município. Alguns anos depois me arrependi amargamente quando meus parceiros começaram plantar e depois colheram muito bem.



Os 5 andando de moto.

Numa reunião da diretoria da Comunidade Católica Cristo Rei, da qual fazia parte, o vigário fez a proposta para construir uma igreja nova, alegando que no futuro a nossa igreja seria muito pequena. Ele nos pegou de surpresa e depois de pensar um pouco fiz a proposta de construir esta igreja nova, grande e bem bonita em conjunto com os

evangélicos do outro lado da praça, assim o vigário nunca mais tocou no assunto e a igreja serve muito bem até os dias de hoje.

O Adriano estava terminando o ensino básico quando procuramos uma escola para ele fazer o segundo grau. Visitamos várias escolas e avaliamos que a melhor seria o Colégio Mauá em Santa Cruz do Sul. Ele começou estudar neste colégio e um ano depois também o Afonso foi para Santa Cruz fazer o segundo grau.

Nestes anos nós, Betsie e eu, instruímos na nossa casa parte da juventude holandesa as danças folclóricas holandesas por um bom tempo.

Atrás da nossa casa fizemos um campinho de futebol que foi muito bem aproveitado pelos filhos e os amigos deles. Até hoje encontro muitos homens na cidade que se lembram destes anos e comentam como era boa aquela época.

Era costume na Holanda para um aniversariante, que estava fazendo 50 anos, colocar um boneco com traços dele em frente à sua casa. E assim fizemos para Jan Michels, mas, quando estávamos transportando o boneco deitado atrás na camioneta, a polícia nos atacou e vendo o boneco acharam que era um homem morto. Demorou para explicar o que estava acontecendo, mas depois fomos liberados.

Durante as férias as nossas viagens eram muitas vezes para a praia de Camboriú e também para Holambra para visitar os parentes. Estas viagens de carro cheio, as vezes com 8 pessoas, eram uma aventura pelo mau estado das estradas, mas também pelo pouco espaço no carro.

Foi nestes anos que a Stara entrou em dificuldades financeiras e para salvar os 250 empregos, que eram muito importantes tanto para os empregados como para o município de Não-Me-Toque, fizemos uma campanha para a entrada de mais sócios, que resultou numa adesão boa, mas não o suficiente para salvar a empresa. Eu entrei com 1,47% do total das ações da Stara. Quando Frans (Chico) Stapelbroek ficou sabendo que nós estávamos tentando salvar a empresa dos irmãos

EU ERA UM DELES

dele, ele entrou com um bom capital e assim ele salvou a Stara e assegurou o emprego de todos, ficando Frans como sócio majoritário.

Depois de alguns anos vendemos nossa participação através de aquisição de implementos da própria Stara.

Em 1979 chegou nossa vez para organizar o Zeskamp, o que foi feito com muito capricho; foi um sucesso total. Me lembro que os jogos de vôlei foram realizados no meio de pilhas de sacas de semente de soja num armazém cedido pela Cotrijal.



Zeskamp na Holambra. O time de vôlei feminino, vice-campeão, da esquerda para direita Marian Rietjens, Toosje Stapelbroek, Corrie van Riel, Roseni van Riel, Annie Stapelbroek, Betsie e Helena van den Mosselaar. Atrás o (pseudo) técnico: eu.

Os filhos estavam crescendo e mostraram que não tinham nada de santo. Certa tarde de domingo estourou uma briga generalizada na cidade com a participação deles, quando Marcelo foi levado para a delegacia e os outros fugiram para se esconder. Com muita conversa conseguimos liberar Marcelo e aos poucos apareceram também os outros.

O único membro da família que praticou esportes foi o Adriano. Ele participava de várias competições quando estudava em Santa Cruz do Sul e em Não-Me-Toque jogava futebol, primeiro para Ipiranga de Vila Conceição e depois para o Gaúcho de Arroio Bonito onde o time ficou campeão municipal com um gol dele no final do último jogo.

Os filhos pediram em seguida o nosso carro emprestado, um Monza branco. O Adriano desceu barranco abaixo voltando à noite de Passo Fundo, Afonso pegou um cordão do lado da rodovia em Saldanha Marino, Paulo capotou indo para Tapera e Marcelo derrapou na estrada para Colorado. E tudo isto com o mesmo Monza. Pensei que nunca poderia vender este carro em Não-Me-Toque, mas consegui vender o carro que tinha mais massa que lata. Quando Paulo casou e os outros foram para Goiás, o chapeador, Aloísio Möllmann, não gostou, ele me disse que ficaria sem serviço sem as trapalhadas dos filhos.

Eduardo contou com muito orgulho que ele nunca tinha batido um carro até que ele pegou de uma vez 4 carros na cidade de Carazinho, felizmente ele tinha seguro total.

Foi em 1979 que fizemos a reforma da nossa casa; aumentamos 150m² e reformamos a parte antiga totalmente.

Num certo dia, de manhã cedo, apareceu na nossa casa um holandês trazendo a mulher e mais 3 filhos dizendo que ele não queria mais eles. Já que eu era presidente da associação holandesa precisava cuidar deles. Depois de uma conversa complicada conseguimos convence-lo de levar consigo de novo a sua família. O problema dele era a bebida, apesar que naquele momento ele não estava bêbado. Mais tarde ele voltou para Holanda e parou de beber.

Nos anos de 1980 fizemos vários ensaios, com apoio técnico da Cotrijal, com plantas das quais se podia extrair álcool como: cana de açúcar, batata doce, milho, beterraba e outras, porque as cooperativas da região planejavam construir uma usina de álcool. Começamos com uma criação de suínos para ver o interesse nesta área por parte do Paulo e depois do Eduardo, mas nenhum dos dois mostrou muito interesse para continuar.

EU ERA UM DELES

Iniciamos uma pequena criação de gado charolês mais por hobby, pois eu gostava muito desta raça e participamos nas exposições de Não-Me-Toque e de Victor Graeff. Era uma atividade bonita mas custava mais do que rendia.



Betsie com alguns terneiros charolês numa exposição em Victor Graeff.

A convite de uma empresa holandesa, Nunhems Zaden, fiz vários ensaios com feijão branco com a intenção de produzir semente para eles, mas a produção ficou abaixo do nível esperado o que significava o fim da experiência.

Em 1981 Adriano foi para a faculdade de Veterinária em Uruguaiana e um ano depois Afonso para Agronomia em Santa Maria. Neste tempo o Paulo e depois também o Marcelo cursavam o segundo grau em Panambi e o Eduardo estudou um ano no Colégio Solano em Não-Me-Toque, para depois terminar o segundo grau num Colégio Agrícola em Três de Maio.

No ano de 1983 recebi uma medalha e um certificado como Produtor Modelo de 1983, do então Ministro da Agricultura Alysso

Paulinelli pela boa produção e pela diversificação nas atividades.

Adriano formou-se em 1984, Afonso em 1986 e Paulo fez alguns anos de Engenharia Mecânica em Porto Alegre e Santa Maria. Marcelo fez Veterinária em Santa Maria.

Tivemos um tempo com 4 filhos na faculdade e Eduardo num colégio como interno. Haja dinheiro para custear isto, enquanto a lavoura rendia muito pouco, pois os anos 80 eram muito difíceis para a agricultura brasileira; muitos produtores quebraram e outros ficaram com muitas dívidas.

O pai da Betsie faleceu em 1984; ele não conseguiu vencer um câncer.

Em 1984 fui eleito presidente da APAE de Não-Me-Toque, cargo que eu exerci durante alguns anos junto com meu vice Mário Becker. Fizemos de tudo para não faltar recursos financeiros para a entidade. Cada mês visitava o prefeito, na época Harrie Alberto Erpen, para liberar recursos prometidos para a APAE, sendo que e ele somente liberava estes valores depois de eu ter tomado um cafezinho com ele. Iniciamos uma horta comunitária na escola, mas o interesse dos professores e também dos alunos era mínimo, como resultado uma produção também mínima.

Em 1985 viajamos mais uma vez para Holanda e Eduardo nos acompanhou. Na Holanda fizemos um encontro de todos irmãos e irmãs da nossa família que vieram de Canadá, Estados Unidos e Brasil juntos com aqueles que moravam na Holanda e lá me reencontrei com duas irmãs que não via há 32 anos. Visitamos também alguns amigos que tinham voltado do Brasil e notamos que a grande maioria estava com muita saudades do Brasil.

EU ERA UM DELES



Os 13 irmãos reunidos na Holanda em 1985.

Nossa festa de Bodas de Prata foi em 1986 num grande encontro no Clube União com a presença também do meu irmão Cor e sua esposa, que vieram da Holanda.



A nossa família na festa de Bodas de Prata.

Foi um ano complicado, com uma grande seca que matou todo milho e o último soja nós plantamos em 12 de janeiro. Nesse ano Adriano casou com Simone Rosina Graeff e em 29 de janeiro de 1987, nasceu a primeira neta: Patricia van Lieshout.

Goiás

Afonso casou com Caciamar Riva em 1988 e eles se mudaram para o Estado de Goiás onde Afonso começou cuidar da propriedade do seu sogro.

Em nossa primeira visita a Cácia e Afonso em Goiás eles nos mostraram a região e visitamos várias fazendas. Ficamos muito interessados pois a região parecia muito boa para começar com novos empreendimentos.

Quando passamos numa certa fazenda na chapada de Silvânia eu disse para Afonso que eu queria comprar ela na hora, que eu teria dinheiro para isto: era a fazenda de Arno Weiss.

Em 1989 foi a vez de Adriano ir para Goiás com a intenção de arrendar uma área para começar a plantar por conta própria, mas quando estava lá ele pediu para ficar em sociedade conosco por ser mais viável e assim aconteceu. Ele arrendou uma área de mais ou menos 250 ha e foi morar em Leopoldo de Bulhões, aonde também o Afonso estava morando.

Em 1989 Paulo casou com Diovana Neuls, ele estava me ajudando na lavoura, e começou trabalhar para seu sogro na lavoura em Santa Barbara do Sul. Enquanto isto Eduardo terminou o colégio agrícola de Três de Maio e veio trabalhar comigo na lavoura em Vila Conceição.

Com anos não muito bons para a agricultura e com investimentos pesados em Goiás, para Adriano poder começar, ficamos

EU ERA UM DELES

financeiramente muito apertados. Peguei emprestado 5.000 sacas de soja do meu amigo Chico Stapelbroek para um ano, mas para poder pagar no outro ano precisei vender 12 ha de terras em Não-Me-Toque.

Nos anos de 1990 começamos com o plantio direto, tirando todas as curvas de nível e plainando a terra, e em 1994 toda a área era plantada desta forma, facilitando os trabalhos e evitando a erosão.

Enquanto isto Adriano conseguiu comprar 100 ha em Goiás. Vendo que a lavoura em Goiás rendia muito mais que a do Sul, cheguei à conclusão que a melhor opção para crescermos seria vender a propriedade em Não-Me-Toque e comprar em Goiás. Comecei a procurar um comprador e em 1995 vendemos as terras para Waldemar Wiedtheuper e compramos a fazenda de Arno Weiss em Silvânia, a mesma área de que eu gostei tanto na primeira visita com Afonso em 1988.



A fazenda Gaulanda em Silvânia nos dias de hoje.

Fechado o negócio fizemos a mudança, levando toda maquinaria e implementos em vários caminhões rumo a Goiás. Quando, de madrugada, os caminhões passaram pela cidade tocaram as buzinas bem alto como despedida. Eduardo e Marcelo também foram para lá e nós, Betsie e eu, ficamos morando em Não-Me-Toque.

Eduardo se juntou com Adriano para tocar a fazenda e Marcelo achou emprego como veterinário, trabalhando para várias empresas até se consolidar na empresa Tortuga.

Enquanto isto nasceu em 1992 Bruna Neuls van Lieshout, filha de Paulo e Diovana, e também Guilherme Riva van Lieshout, filho de Afonso e Cácia. Em 1993 nasceu Daniel Willy van Lieshout, filho de Adriano e Simone, e em 1995 nasceu Gabriela Riva van Lieshout, filha de Afonso e Cácia.

Em 1996 Eduardo casou com Angela Maria Sebastiani e no mesmo ano nasceu Paulo Alberto van Lieshout Filho, filho de Paulo e Diovana.

Vivendo sem os filhos em Não-Me-Toque

Betsie e eu continuamos morando na Rua Vasco da Gama e lá nosso vizinho era Nico Berger e a esposa dele Nel. Quase diariamente a Nel vinha em nossa casa para conversar e em seguida o Nico também nos visitava. Betsie sempre estava disposta a ouvir e apoiar os dois de tal forma que Nico disse em holandês que Betsie era *Onze Lieve Vrouw van Altijddurende Bijstand* (Nossa Senhora de Perpétua Socorro). Por várias vezes Betsie levou Nico para o hospital quando ele tinha falta de ar e em 1995 vieram nos avisar que o Nico estava passando mal na sua casa. Nós fomos até lá e ajudamos ele a entrar no carro, mas antes de chegar no hospital ele morreu nos braços da Betsie e um ano depois a Nel também faleceu.

Certo dia, antes das eleições, recebi a visita do prefeito municipal em minha casa. Ele veio me pedir para entrar como membro no seu partido, o MDB, mas quando pedi sobre a programação para um novo

EU ERA UM DELES

mandato, ele nem tinha resposta.

Anos depois fui convidado várias vezes pelo prefeito Armando Roos, do PP, para conversar sobre a entrada no seu partido. Numa visita que fiz, como presidente do Sindicato Rural, ao Prefeito Armando na prefeitura, novamente ele insistiu com o mesmo pedido e, mas contra minha vontade, assinei a ficha de filiação. Fui viajar para Goiás e poucos dias depois recebi uma ligação do Beno Lütkemeyer, dizendo que meu nome não havia sido aceito como membro do partido. Achei estranho e perguntei o porquê, no que ele respondeu que o presidente do partido tinha dito na reunião: “se ele entra eu saio”. Então perguntei ao Beno quem era o presidente do partido, pois eu realmente não sabia. Sabendo o nome, já sabia o porquê da recusa: dez anos antes cortei o nome dele como candidato a conselheiro do Sicredi, pois ele estava com problema junto ao Sicredi e se não tivesse feito isso, a nossa Central em Porto Alegre cortaria. Desta forma me livre para sempre da pressão para entrar num partido político.

Nos sábados à noite nosso divertimento foi por muitos anos o jogo de cartas com os amigos; nos anos de 1960 com Adrianus van Riel, Jan Assinck, Jan Michels e eu, e anos depois com os casais Chico Stapelbroek e Annie, Henny van den Mosselaar e Helena, e nós dois.



Jogando carta.

Da esquerda para direita eu, Annie, Chico, Helena, Henny e Betsie.

EU ERA UM DELES

A partir de 1988 nós viajavamos muitas vezes de carro para visitar os filhos em Goiás, saindo as 4h da madrugada, viajando o dia inteiro até Prata em Minas, para chegar no outro dia ao meio dia no nosso destino em Goiás. A partir de 2005 as nossas viagens foram de avião, partindo de Passo Fundo por Campinas para chegar em Goiânia. De vez em quando fizemos escala em Holambra para visitar os parentes.

Marcelo casou em 1997 com Cintia Velho dos Santos e em 1998 nasceu Eduarda Sebastiani van Lieshout, filha de Eduardo e Angela.

Foi no ano de 2006 que compramos uma bela casa no condomínio Portal do Sol 1 em Goiânia e pagamos como entrada o valor que recebemos da venda de um terreno na praia de Palmas em Santa Catarina.



Nossa casa em um condomínio em Goiânia.

Acint

Foi no ano de 1998 que recebi visita de membros da diretoria da Acint (Associação Comercial, Industrial, Agropecuária e Serviços de Não-Me-Toque) com o pedido de assumir a presidência da entidade. Depois de pensar muito aceitei o desafio e comecei me envolver, principalmente, com o comércio, o que para mim era uma atividade totalmente nova.

Durante meu mandato de dois anos visitei todos os associados por duas vezes para descobrir seus anseios e tentar fortalecer a entidade.

Junto com o vice-prefeito Pedro Joe Simon visitei vários municípios da região para estudar a possibilidade de instalar um berçário industrial e um distrito industrial, mas faltou o apoio do prefeito Harrie Alberto Erpen. Somente anos depois o berçário e o distrito industrial foram realizados com outras pessoas tanto na prefeitura como na Acint.

Fiquei por dois anos à frente da entidade, mas eu sabia que não estava conseguindo o que os associados estavam esperando, provavelmente por não ser do comércio e nem da indústria. Senti também falta de apoio dos associados para fazer um bom trabalho. Descobri que meu negócio era agricultura e tudo o que tem ligação com isto.

Aula de Holandês

A pedido de várias pessoas comecei dar aula de holandês para um pequeno grupo de jovens de descendência holandesa. As aulas foram dadas na Casa da Cultura de Não-Me-Toque, uma noite por semana. Consegui todo material para dar aula através de Castrolanda, onde também estava funcionando um curso para a língua holandesa.

Dei estas aulas por alguns anos para várias turmas.

O resultado não era muito grande, também por ser o holandês uma língua muito difícil, mas alguns alunos, os mais dedicados, conseguiram melhorar bastante o conhecimento desta língua o que para mim já era uma vitória.

Sicredi

Foi em 1980, numa conversa com o presidente da Cotrijal, Irmfriedt Schmiedt, no pátio da cooperativa, que ele me disse que em Porto Alegre tinha um movimento para tentar ressurgir o cooperativismo de crédito agrícola no Estado do Rio Grande do Sul. Na hora pedi para ele se esforçar para apoiar esta ideia, pois eu conheci o sistema de crédito agrícola da Holanda.

Então, no dia 22 de junho de 1981, 27 produtores rurais fundaram a Cooperativa de Crédito Rural Alto Jacuí Ltda, a Credijal. Eu era um destes 27 e Irmfriedt Schmiedt assumiu como presidente. Desde o início eu fazia parte do conselho de administração e acompanhei o

EU ERA UM DELES

início dos trabalhos da Credijal em 17 de fevereiro de 1982 em uma sala cedida pela Cotrijal e em 1984 começamos em Victor Graeff num local também cedido pela Cotrijal.

As dificuldades eram grandes para começar os trabalhos, pelo desconhecimento dos serviços numa cooperativa de crédito por parte dos funcionários, mas também por pouca adesão dos produtores rurais por não conhecer este sistema de crédito. Outra restrição era a ideia que a Credijal era um departamento da Cotrijal, o que não agradou a todos produtores rurais e somente produtor rural podia se associar ao sistema de crédito rural.

Aos poucos a Credijal ficou mais conhecida e melhorou o movimento, mas ainda com poucos recursos para atender todos os associados.

Foi nesta época que o presidente Irmfriedt Schmiedt, que também era presidente da Cotrijal, me pediu sobre um aumento significativo do salário do gerente. Já sabia que ele tinha feito o mesmo pedido para outros membros da diretoria com sinal negativo. Pensando no futuro da Credijal também não concordei com ele, o que não foi bem aceito, pois a partir deste dia não me cumprimentou mais.

Em 1986 a Credijal se instalou no município de Tio Hugo, também nas dependências da Cotrijal.

Enquanto isto Schmiedt foi afastado da presidência da Credijal por determinação do Banco Central; ele fazia parte da diretoria da Centralsul, uma cooperativa central das cooperativas de produção do Rio Grande do Sul, que era investigada por fraudes e também por lei quem está com problema na justiça não pode participar das diretorias de bancos ou cooperativas de crédito.

No lugar dele assumiu o diretor Dirceu Hoffstaedter, gerente do entreposto da Cotrijal em Victor Graeff.

Para continuar na presidência por mais um mandato o Dirceu deveria escolher entre a gerência remunerada em Victor Graeff ou a presidência não remunerada da Credijal e ele optou pela gerência

remunerada.

Na formação de uma chapa para as próximas eleições, era o ano de 1987, fui procurado por Eloi Berres, novo presidente da Cotrijal, para me candidatar como presidente da entidade o que eu, depois de pensar muito, aceitei e escolhemos para candidato para diretor administrativo Pedro Piva e para diretor de crédito Nei Manica.

Eleitos na assembleia, chapa única, nomeamos José Celeste de Negri como gerente geral. Durante os 15 anos seguintes foi ele, o Juca, o meu grande companheiro no desenvolvimento da cooperativa.

No início participamos das Reuniões de Núcleos da Cotrijal, aonde nós tínhamos uns 5 minutinhos no final, para falar sobre a Credijal, o que não deu resultados pois o povo já estava cansado depois de horas de reunião e queria ir para casa. Então criamos nosso próprio Sistema de Nucleação nas localidades de Não-Me-Toque, Victor Graeff e Tio Hugo.

Para ter melhor e maior espaço para o atendimento em Não-Me-Toque e também para mostrar a total independência da Cotrijal, adquirimos um prédio na cidade em 1988. Também no mesmo ano compramos o primeiro computador e lançamos a Poupança Verde junto ao BNCC e usamos a compensação do mesmo banco.

Em 1989 implantamos o cheque especial.

No ano de 1990 fechou o BNCC e começamos usar a compensação do Banco do Brasil.

Apesar de todas as dificuldades estávamos crescendo bonito. A nossa Central em Porto Alegre fez um ranking entre as cooperativas do Estado do Rio Grande do Sul e desde os primeiros resultados ficamos por muitos anos entre os 3 primeiros colocados, junto com Teutônia e Nova Petrópolis, até que as cooperativas começaram se juntar e nós ficamos para trás pelo tamanho da área de ação.

Em 1992 foi unificado a sigla das cooperativas de crédito para Sicredi e instalamos o terminal financeiro. Neste ano fechamos um

EU ERA UM DELES

convênio com Unimed Passo Fundo para os associados e suas famílias, com excelentes resultados facilitando o acesso as consultas médicas e atendimentos hospitalares com preços módicos.

Em 1993 construímos um prédio com 283m² em Victor Graeff e ampliamos nosso espaço em Não-Me-Toque em 47m². Neste ano começamos financiar muitos aviários para os associados, assim apoiando a diversificação das atividades dos produtores.

No ano de 1994 enfrentamos uma crise financeira no nosso Sicredi e fomos obrigados a despedir 4 funcionários com a promessa de recontratar, se a situação melhorasse. O único que reclamou muito e ficou muito bravo conosco foi Gilmar Muhl. Tempos depois foram recontratados 2 dos outros 3, o terceiro achou um outro bom emprego. Alguns anos depois Gilmar foi eleito prefeito de Tio Hugo e fez contato conosco pedindo patrocínio para embelezamento de uma praça no seu município o que nós aceitamos, reestabelecendo assim a paz entre nós.

Precisando de uma compensação própria foi criado o Bansicredi em 1995.

Enquanto isto, com novas eleições, foi trocado o Diretor Administrativo e assumiu como diretor Francisco Dias Rodrigues. Apesar de muitos conflitos com os diretores conseguimos fazer um bom mandato com apoio total dos associados.

Em 1996 incorporamos as Unidades de Atendimento de Carazinho, Coqueiros do Sul, Santo Antônio do Planalto e Almirante Tamandaré do Sul pela falência do Sicredi de Carazinho.

Durante estes anos fizemos 4 grandes seminários sobre crédito rural com a participação de muitas autoridades entre outros o Presidente do Cooperativismo Internacional Roberto Rodrigues e o Presidente do Rabobank no Brasil Teun de Boon.



O 4º Seminário do Sicredi com Alicia Maria Fritzen, eu, Luciana Linck, Lítania Reinher e Paulo Castelar Alflen.

Em 2001 inauguramos uma nova unidade de atendimento em Almirante Tamandaré do Sul e em 2002 transferimos nossa agência de Não-Me-Toque para o centro da cidade, com amplo espaço para atendimento ao público, que não era mais somente produtor rural mas qualquer pessoa que quisesse se associar.

Fiquei na presidência do Sicredi de 1987 até 1996, quando assumi a vice-presidência, e novamente como presidente de 2000 até 2002 no lugar de Paulo Castelar Alflen, quando ele se candidatou para prefeito de Victor Graeff.

Durante estes anos fizemos algumas viagens, para conhecer outros sistemas de crédito como da Argentina, Minas Gerais (Teófilo Otoni) e outros.

Em 2002 decidi não mais participar das eleições para renovação da Diretoria do Sicredi e apresentei como candidato para presidente o meu gerente José Celeste de Negri.

EU ERA UM DELES

Com grande satisfação vi que minha proposta foi muito bem aceita e José Celeste (Juca) foi eleito presidente. Durante todos estes anos no Sicredi tive este homem ao meu lado, me apoiando e também orientando. Depois ele mostrou ser um grande líder que levou nosso Sicredi ainda mais como um destaque entre as cooperativas de crédito.

Encerrei as atividades no Sicredi com a certeza de ter feito um bom trabalho, tanto para a cooperativa como para os associados; o meu lema era que a administração de uma cooperativa precisa cuidar tanto do fortalecimento da própria cooperativa, como também do crescimento dos seus associados.

Foi uma época de muitas realizações em favor das nossas comunidades.

Associação Holandesa de Não-Me-Toque

Em 1999 festejamos o cinquentenário da imigração holandesa no município de Não-Me-Toque. Sendo na época presidente da Associação Holandesa fiz a proposta de deixar uma marca desta imigração para o município. Depois de várias reuniões, escolhemos o símbolo da organização dos produtores rurais do sul da Holanda como modelo para nosso projeto. Então fizemos, com ajuda da Stara, um arado com uma cruz acima e colocamos este monumento na Praça Otto Schmiedt. Está escrito no arado: MET KRUIS EN PLOEG (com a cruz e o arado), significa com fé e trabalho conseguimos chegar onde nós chegamos.



Monumento lembrando o cinquentenário da imigração holandesa.

No ano de 2000, se iniciou na nossa cidade um projeto novo com a intenção de festejar o tempo natalino de forma diferente. Foi criada a Festa dos Povos, da qual participaram todas etnias radicadas no município: CTG, alemã, italiana, holandesa e a etnia negra. A pedido do poder público cada etnia começou construir uma casinha típica na praça. As primeiras eram do CTG, dos alemães e dos italianos; nós, os holandeses, recebemos uma casinha desmontável da empresa Jan, que usamos por 3 anos e depois escolhemos um modelo para nossa.

Foi escolhido como modelo uma casa que existe no sul da Holanda em Rosmalen chamada: De Wamberg. Contratamos o construtor Roque Mattos para a construção e enfeitamos a casa com as letras 2003 (o ano da construção), o nome: ONS HUISJE e colocamos em cima da casa um galo indicando a direção do vento.

Também em 2003 recebemos um convite de Holambra1 para, em conjunto com as outras colônias holandesas, receber a Rainha da Holanda juntamente com seu filho, herdeiro do trono, Willem

EU ERA UM DELES

Alexander. Fomos de ônibus para Holambra para participar do evento e no almoço, representando Não-Me-Toque, fui convidado para sentar na mesma mesa do Willem Alexander, o que me deu a oportunidade de conversar com ele sobre o uso de transgênicos na agricultura.

No ano de 2010 recebemos da colônia de Carambeí o pedido de, juntos, festejarmos o Centenário da Imigração Holandesa no Brasil. Foram convidados também Holambra 1 e 2, Castrolanda e Arapotí e todas as colônias aceitaram o desafio para em todos os lugares festejar o Ano Brasil-Holanda em 2011.

Conseguimos todo apoio do poder público municipal e com várias visitas a Porto Alegre também o Estado do Rio Grande do Sul aderiu e declarou o ano 2011 como o ano Brasil-Holanda. Para conseguir do Governo Federal a declaração oficial como ano Brasil-Holanda era mais complicado. Fizemos várias viagens para Brasília e somente depois que mostramos a importância econômico-financeira das colônias holandesas conseguimos o nosso objetivo: a declaração oficial do Governo Federal para ser o ano de 2011 o Ano Brasil-Holanda.

Foi mostrado a pujança de Holambra 1, com sua produção de flores e plantas, tendo mais de 35% do mercado brasileiro em suas mãos. Holambra 2 com sua alta produção de feijão e a tecnologia usada da irrigação nas suas lavouras. Arapotí, Carambeí e Castrolanda pela tecnologia e alta produção de lácteos e Não-Me-Toque pelas grandes indústrias de metal-mecânicas e sua produção de soja e milho.

Para comemorar o ano Brasil-Holanda decidimos construir um monumento. Com um lugar já escolhido e com autorização do poder público municipal para neste lugar construir nosso monumento, apresentei para a Associação Holandesa, como modelo, uma miniatura de um casal de produtores rurais holandeses da época dos anos 40 do século passado. Estas estátuas existem em Noord-Brabant no sul da Holanda em tamanho real.

Procurando, achamos um escultor em Soledade, o Sr. Waldir Paulo de Souza, que se prontificou de fazer a escultura deste casal em pedra Jaspe preto de uma pedra que nós, Betsie e eu, junto com o

escultor escolhemos. Depois de muitos meses de trabalho duro o Sr. Waldir terminou a obra e nosso filho Paulo transportou o casal de pedra para Não-Me-Toque. Colocamos o casal no lugar já preparado num entroncamento de rodovias na entrada da cidade. Em 2011 inauguramos o monumento com a presença de muitas autoridades e membros da associação holandesa.



Monumento da Associação Holandesa de Não-Me-Toque.

Sindicato Rural

Em 2002 assumi a presidência do Sindicato Rural de Não-Me-Toque e comecei me envolver com a política agrícola dos produtores rurais.

No início dos trabalhos no Sindicato cuidei para colocar em dia as finanças da entidade. Quando comecei, tinha somente dinheiro suficiente para pagar alguns meses as duas funcionárias, mas com a cobrança firme das anuidades, consegui em 2 anos uma estabilidade financeira, que ajudou muito. Enfrentamos muitos desafios para resolver; entre outros a liberação da soja transgênica, o que foi conseguido com muita pressão em forma de manifestações e protestos e com negociações com os deputados federais que nos apoiaram.

Aumentamos nossa área de atuação incorporando os municípios de Victor Graeff e Lagoa dos Três Cantos.

Mencionamos algumas atividades desenvolvidas durante os anos que estava à frente do Sindicato:

- Anualmente o dissídio coletivo com os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais da nossa área de ação.
- Administramos um número muito grande de cursos dados pelo Senar.
- Cursos de informática para nossos associados.
- Realizamos o primeiro curso de Agricultura de Precisão e o primeiro também para uso de drones na agricultura.
- Instituímos a comissão das Produtoras Rurais.



Participação anual do Sindicato Rural, junto com a Farsul, na Expodireto-Cotrijal.

- Fizemos inúmeros convênios com hospitais, médicos, laboratórios e farmácias para diminuir o custo de atendimento para nosso associado e seus familiares.
- Criamos nosso site, Whatsapp e divulgamos diariamente as cotações agrícolas e semanalmente as notícias do sindicato num programa através de Rádio Ceres.
- Organizamos muitas palestras sobre vários assuntos entre outros a sucessão familiar, a diversificação nas propriedades, a participação da mulher na atividade agrícola, agricultura de precisão, armazenagem, royalties, Funrural etc.
- Conseguimos que o poder público aprovasse o SIM (sistema de inspeção municipal).
- Participamos ativamente para o êxito da Apsul-America (Congresso Sul-Americano de Agricultura de Precisão), onde por 3 vezes assumi a presidência e depois a nossa associada Teodora Lütkemeyer continuou como presidente.



Lançamento do congresso Apsul-America na Farsul em Porto Alegre.

- Participamos de muitos conselhos das prefeituras da nossa área de ação, entre outros o Conselho da Agricultura, Saúde e Meio Ambiente.

- A convite do prefeito de Não-Me-Toque participei também no nosso município do CDES (Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social).

Infelizmente a partir de 2018 o pagamento da contribuição sindical não era mais obrigatório e vários associados deixaram de contribuir com o sindicato, o que fez falta para poder continuar todas as atividades.

Em 2019, depois de 17 anos deixei a presidência e somente participei como conselheiro fiscal suplente. Foi a nossa associada Teodora Lütkemeyer quem assumiu a presidência da nossa entidade. Estes 17 anos foram uma época durante qual me senti realizado, por poder fazer um serviço que era dirigido para o produtor rural e que deu resultados para eles e para as comunidades onde nós atuamos.

Nossas viagens

Anossa sorte é de ter muitos familiares espalhados pelo mundo, pois isto deu uma boa desculpa para visitá-los seguidamente. Quero relatar as nossas viagens para o exterior e nossos cruzeiros.

Como já mencionado, fizemos nossa primeira viagem para Holanda em 1970, nós dois com o pai da Betsie. Aproveitamos a viagem para fazer uma excursão de ônibus para Alemanha, na região do rio Reno e Moezel, região que produz muito vinho.

No ano de 1973 fui sozinho para Holanda para visitar meu pai que estava fazendo 90 anos.

Em 1979 voltamos para Holanda e aproveitamos uma viagem de trem para Dinamarca. A minha irmã Mien e seu marido (depois ex.) Hans também estavam na Holanda; eles vieram do Canadá. Na companhia deles e de Cor e Truus ficamos vários dias na Dinamarca, na casa dos parentes do Hans. É um país muito bonito, com um povo hospitaleiro, com uma língua difícil de entender, mas todos nós gostamos muito.

Em 1985 fizemos um encontro com todos meus irmãos e irmãs na Holanda e dessa vez Eduardo nos acompanhou. Poucas vezes na minha vida eu tinha visto meus irmãos todos juntos e neste ano isso aconteceu pela última vez. Vieram de todos os lados: Estados Unidos, Canadá, Brasil e naturalmente da Holanda.

Participamos da festa de 25 anos de casamento de Rien e Riky em Uden na Holanda na qual encontrei alguns velhos amigos.

Quando fiquei sabendo da doença da minha irmã Jet nos Estados Unidos, decidimos visitá-la. Ela estava com câncer e não tinha mais

EU ERA UM DELES

muito tempo de vida. A Cácia e Afonso nos acompanharam nesta viagem, primeiro para Chicago, ela morava lá perto, e depois para Toronto no Canadá para visitar a minha irmã Riky, casada com Senaka de origem de Sri Lanka. Ficamos alguns dias com eles e seguimos viagem para o Estado de Alberta para visitar as minhas irmãs Diny e Mien, que estavam morando a uns 70 km ao norte de Edmonton. Exploramos toda região e visitamos também as montanhas na região de Banff e Jasper, lugares muito bonitos. Depois pegamos um voo para Holanda onde ficamos por mais umas 3 semanas. Nesta viagem fizemos um passeio para as Ardenas na Bélgica com nossa sobrinha Monique.

Em 1999 Marcelo e Cintia nos acompanharam na viagem para Holanda e programamos um trip para Paris, quando eu fiquei doente na casa do meu irmão Cor. Betsie, Truus, Marcelo e Cintia foram alguns dias para Paris.

Nestes anos fomos mais uma vez para Canadá para visitar Diny, o marido dela tinha falecido de câncer, e depois de um passeio pelas montanhas viajamos para a Ilha de Vancouver, onde minha irmã Mien morava num trailer em um local com vários trailers para pessoas de mais idade. Com o carro dela andamos muitos quilômetros na bela Ilha de Vancouver.

No ano de 2004 viajamos novamente para Europa em companhia do Adriano. Chegando em Madri começamos um tour de ônibus. Passamos por Monte Carlo, Gênova, Pisa e chegamos em Roma, onde ficamos alguns dias para depois ir para Capri, Nápoles e Pompeia. Depois passamos por Florença, Veneza para chegar no Mont Blanc, Genebra indo para Paris. Em Paris pegamos um voo para Amsterdam. Na Holanda participamos da festa de Bodas de Ouro de Cor e Truus.

A nossa viagem com os irmãos da Betsie para Holanda foi em 2014 com muitos passeios para vários lugares com destaque um passeio de barco no rio Reno na Alemanha.

No mesmo ano, Betsie e eu voltamos para a Holanda para a festa de 60 anos de casamento de Cor e Truus e aproveitamos para fazer uma excursão de alguns dias para a República Tcheca, onde nós visitamos

Praga e Terezín, nesta última cidade tem um campo de concentração dos nazistas.

No ano seguinte, voltamos para Holanda com nossas noras e filhos, quando novamente fizemos muitos passeios, com destaque o passeio para Alemanha e Áustria. Na Alemanha visitamos a cidade de Nuremberg, Munique e o campo de concentração de Dachau.



Betsie e as noras: Caciamar, Angela, Diovana, Simone e Cintia no Keukenhof na Holanda.

Em 2018, Eduardo e família foram para Holanda e nos convidaram para acompanhá-los e lá fomos nós novamente. Fizemos um belo passeio para Leuven, Bruxelas e Gent na Bélgica. Depois nós, Betsie e eu, viajamos para Canadá enquanto Eduardo e família ficaram mais alguns dias na Europa. Chegamos em Toronto para visitar Riky e Senaka e depois fizemos o voo para Edmonton em Alberta para visitar tante Diny e tante Mien, que moravam em Barrhead. No outro dia chegaram Adriano, Simone, Paulo e Diovana; eles fizeram um passeio de Vancouver, pelas montanhas até Barrhead. Ficamos uns dias passeando na região e voltamos juntos para Brasil.

Nossos cruzeiros

Nosso primeiro cruzeiro foi no Brasil e foi um presente que recebemos dos filhos com a festa dos 40 anos de nosso casamento. Embarcamos em Recife para durante a noite navegar para Fortaleza onde ficamos durante o dia e à noite saímos para Fernando de Noronha. Da mesma forma nos dias seguintes: navegar à noite e visitar as cidades durante o dia. Assim visitamos Natal, João Pessoa e chegamos novamente em Recife.

Nosso segundo cruzeiro foi com um grupo de pessoas, na sua maioria da família van Ass. Começamos em Istambul e navegamos para a parte asiática da Turquia, depois para as Ilhas Gregas para chegar em Athenas. Também uma viagem fabulosa.

E o último cruzeiro, também com o grupo van Ass, foi do Panamá por Cartagena na Colômbia para as ilhas holandesas Aruba, Bonaire e Curaçao. Mais uma vez uma viagem muito bonita com uma turma bem legal.



Em Cartagena Colômbia.

E a vida continua

Em 2003 nasceu Pedro Henrique Sebastiani van Lieshout, filho de Eduardo e Angela, mas infelizmente perdi no mesmo ano o meu melhor amigo Frans Stapelbroek; ele não conseguiu vencer seu único inimigo: o câncer. Frans era, desde que eu o conheci, não só meu melhor amigo, mas também meu conselheiro. Talvez a única pessoa, fora da família, que me apoiou na decisão de vender a propriedade em Não-Me-Toque e comprar em Goiás.

Também em 2003 aconteceu a tragédia com Niki Berger, nosso vizinho. Ele estava com depressão profunda e num certo dia ele veio, mais uma vez, nos visitar para conversar. Conseguimos, Betsie e eu, acalmá-lo e ele foi embora tranquilo. Quando ele estava saindo fiquei o observando e pensei: não vai fazer nenhuma loucura. No mesmo dia saímos para fazer compras em Passo Fundo e quando voltamos vieram nos avisar que ele mesmo fez o fim da vida dele. Foi um grande choque para todos nós.

A nossa rua, Vasco da Gama, era uma rua de chão batido e para melhorar fizemos, na nossa casa, algumas reuniões com todos os moradores, com café, bolachas e vlaai, com a intenção de conseguir o tão esperado asfalto. Com muito sacrifício conseguimos a aprovação do nosso prefeito e um bom tempo depois foi asfaltada nossa rua pela prefeitura com pagamento total dos moradores. O asfalto chegou até o final do nosso terreno e os restantes 100 metros ficou sem asfalto. Fui procurar o prefeito para dar uma explicação e ele me disse que tinha terminado o dinheiro. Poucos dias depois, saindo da casa encontrei bem na nossa entrada uma sacola branca cheio de merda de vaca. Fui novamente para a prefeitura e disse para o prefeito que erraram o endereço, pois a merda seria para ele e não para mim.

EU ERA UM DELES

Em 2005 nasceu Murilo Santos van Lieshout, filho de Marcelo e Cintia, e também Lara van Lieshout dos Reis, nossa primeira bisneta, filha de Patrícia e Ciro.

E também em 2005 fizemos a divisão das terras em Goiás, passando-as para os filhos, menos a primeira área, comprada em 1995, de 700ha, que ficou nas nossas mãos, mas arrendada para Adriano e Eduardo.

No dia 15 de dezembro de 2007 nasceu Mariana Santos van Lieshout, filha de Marcelo e Cintia.

No ano de 2011 comemoramos nossas Bodas de Ouro, Betsie e eu, iniciando com uma missa na igreja de Não-Me-Toque e depois com uma grande festa, organizada pelos familiares, no Clube União. Muitos parentes e amigos vieram de longe, Canadá e Holanda, e outros tantos de Goiás, São Paulo e Paraná fora os convidados do Rio Grande do Sul. Foi uma bela festa com todos os familiares e amigos comemorando os nossos 50 anos de casados. Como presente surpresa recebemos dos filhos um Mercedes 180, belo presente.



Festa de Bodas de Ouro no Clube União em Não- Me-Toque.

Chegamos em 2015 e passamos neste ano as últimas terras para os filhos: Gaulanda com 700ha.

No mesmo ano a direção do Esporte Clube Ipiranga de Vila Conceição fez a proposta de nomear o campo de futebol como Estádio Gaulanda, como agradecimento pelos muitos anos de patrocínio.

O nosso amigo Henny van den Mosselaar faleceu em 2016 e, no mesmo ano a nossa neta Patricia casou com Luis Fernando Amato Angelini.

Em 2017 nasceu Enrico van Lieshout Angelini, filho de Patricia e Luis, nosso bisneto.

No mesmo ano fizemos festa para comemorar meus 80 anos num restaurante em Goiânia com muitos convidados e depois repetimos isto com mais uma festa em Não-Me-Toque.

E em 2017 Betsie, com 78 anos, se naturalizou brasileira para poder escriturar as terras para os filhos.

Em 2019 vendemos nossa casa na Rua Vasco da Gama e fomos morar no nosso apartamento no centro da cidade, depois de ter reformado totalmente. A princípio pensávamos que seria difícil nos adaptar num apartamento, mas por nossa surpresa gostamos, desde o primeiro dia, do nosso novo lar.

EU ERA UM DELES



Esta era nossa moradia de 1972 até 2019.

E no mesmo ano nasceu mais um bisneto, Thomaz van Lieshout Angelini, filho de Patricia e Luis.

A festa dos 80 anos da Betsie comemoramos tanto em Não-Me-Toque, com nossos convidados de lá, como na nossa casa em Goiânia, principalmente com os membros da nossa família, no mês de dezembro de 2019.

No dia 29 de fevereiro de 2020 Bruna casou com Marcos Raul Kohlrausch.

Coronavírus - COVID19

Em dezembro de 2019 estourou na China um vírus chamado Coronavírus ou Covid-19.

Já no final de fevereiro de 2020 esta doença estava espalhada no Brasil.

No dia 5 de março nós, Betsie e eu, viajamos do Sul para Goiás e durante a viagem não constatamos nada de estranho, ninguém com máscara e também sem sinais de álcool-gel nos aeroportos.

No dia 12, fiz uma consulta no Hospital dos Acidentados em Goiânia e também lá não havia ninguém de máscara, o que nós achamos estranho, porque a doença nesta altura estava já muito espalhada.

No dia 16 de março fomos de carro para a fazenda Gaulanda em Silvânia e visitamos também a fazenda do Afonso em Bulhões, voltamos no mesmo dia para nossa casa em Goiânia, quando recebemos a recomendação de não mais sair de casa e não mais fazer contato direto com outras pessoas.

A partir do dia 17 ficamos enclausurados na nossa casa e recebendo as visitas em frente da casa, nós na porta e a visita a uma distância de 2 metros no lado de fora. As compras, comida e bebida, eram sempre feitas pelos filhos, noras ou netos e cada dia um ou mais deles vinham para dar uma olhada e conversar, a distância, conosco.

No dia 19 de março recebemos a notícia do falecimento de Fons Sleutjes na Holanda, primo da Betsie, por causa do coronavírus. Ele já estava com problema de saúde e quando pegou a doença e em poucos dias morreu. Foi ele que nos visitou, junto com a esposa, na festa das

EU ERA UM DELES

nossas Bodas de Ouro e depois mais uma vez.

Enquanto isto foram proibidos todos encontros com grupo de pessoas para não espalhar a doença.

Assim perdemos várias festas que não se concretizaram mais, como a festa dos 15 anos da nossa bisneta Lara, Bodas de Prata da sobrinha Margareth, várias festas de 80 anos de amigas e amigos etc.

No dia 26 de março recebemos a notícia que meu irmão Jo, de 89 anos, estava com o coronavírus num lar de idosos na Holanda.

Nossos planos para voltar para Não-Me-Toque no dia 7 de abril caíram por água pela suspensão dos voos comerciais para Passo Fundo e também pela proibição de se deslocar.

Durante todo este tempo os governos de todos os países do mundo procuraram meios para conter o vírus: fechando escolas, proibindo concentração de pessoas, fechando indústrias e o comércio. Muitas pessoas começaram fazer seu trabalho em casa e os de mais idade eram praticamente obrigados de se isolar nas suas casas. Podiam funcionar somente serviços essenciais como farmácias, supermercados e funerárias, fechando inclusive as igrejas.

Com o passar dos dias, com um imenso prejuízo para a indústria e o comércio, o povo começou a reclamar contra as restrições, tendo como consequência que muitos governos, tanto federais como estaduais e municipais começaram a afrouxar as medidas. Não tinha consenso sobre como fazer para estancar o vírus, o que deu por resultado as diversas maneiras de agir; um fechando o mercado e outro abrindo, isso a nível mundial, federal, estadual e municipal.

A grande preocupação era em primeiro lugar com a saúde pública, mas também com a economia que estava desandando.

Não foi fácil, nesta época, ser presidente, governador ou prefeito pois cada medida tinha resposta da oposição.

A situação, no dia 3 de abril de 2020, em números redondos, de mortos pelo coronavírus era assim:

Mundo: 53.000

Itália: 12.000

Espanha: 8.000

USA: 4.000

França: 4.000

China: 3.500

Holanda: 500

Brasil: 299

No dia 13 de abril o mundo já contabilizou 115.000 mortos pelo coronavírus.

Continuou a briga entre os que defendiam a abertura das atividades e aqueles que queriam o isolamento do povo, de um lado o presidente do Brasil e de outro lado o ministro de saúde. Praticamente toda programação da TV tratava do vírus, não tinha mais futebol e nem outro esporte para assistir.

Como todas as pessoas de mais idade, também nós ficamos isolados em casa e recebemos os membros da nossa família na garagem, sempre com uma distância recomendada.

Estivemos muito preocupados com a saúde de todos, mas principalmente com a saúde de Bruna e Gabriela, nossas médicas, por elas trabalharem com doentes, estando sempre no meio do perigo de se contaminar.

No dia 27 de abril fez um mês e meio que nós, Betsie e eu, ficamos isolados em casa. Meu irmão Jo se recuperou da doença, continuou fraco mas já sentou no sol no jardim da instituição aonde estava internado.

Ficar preso em casa foi difícil; Betsie, que tinha o costume de cantar durante o serviço caseiro, agora parecia um passarinho doente numa gaiola: não cantava mais.

EU ERA UM DELES

No mesmo dia 27 o mundo contabilizou 210.204 mortos.

USA: 56.164

Itália: 26.977

Espanha: 23.521

França: 23.293

Inglaterra: 21.092

Holanda: 4.518

China: 4.512

Brasil: 4.298

No dia 29 de abril nós saímos pela primeira vez de casa, desde o dia 12 de março e fomos para a fazenda Gaulanda e também visitamos Afonso e Cácia em Bulhões.

Tinha sido programado um encontro festivo de todos os primos van Lieshout na Holanda para os dias 23 e 24 de julho de 2020, sobrinhos e sobrinhas do Brasil, USA, Canada, Austrália e Holanda, mas o coronavirus abortou os planos e a festa foi transferida para os dias 2 e 3 de julho de 2021. Muitos já tinham comprado as passagens e reservados hotéis etc.

Enquanto isto nós, de vez em quando, saímos para dar uma olhada nas fazendas dos filhos, mas a maior parte do tempo ficamos em casa. Nós já acostumamos a nova maneira de viver e Betsie começou a cantar novamente enquanto estava trabalhando.

Os números do coronavirus em 28 de maio de 2020 eram o seguinte:

Mundo: 367.288 mortos

USA: 104.542

Inglaterra: 38.161

Itália: 33.229

França: 28.714

Brasil: 27.944

Espanha: 27.121

Alemanha: 8.594

Holanda: 5.919

Enquanto o número de mortos e doentes no Brasil aumentava, na China e na Europa começou diminuir. A seguir os números de mortos do dia 24 de junho de 2020:

Mundo: 476.911

USA: 123.842

Brasil: 52.951

Holanda: 6.097

O vírus continua fazer suas vítimas. Em Não-Me-Toque faleceu no dia 16 de agosto, Wilhelmina Scolari (Mientje Daandels), prima da Betsie e grande amiga dela. Ela era nossa vizinha de porta no apartamento e fazia parte do nosso grupo das carteadas. Nestes dias também a nossa neta Patrícia pegou o vírus, junto com Thomaz, o filho dela de 11 meses; felizmente os dois ficaram curados em poucos dias.

Faleceu no dia 4 de outubro deste ano o nosso vizinho e amigo Antônio Alberi de Mattos, vítima do Covid-19 e no final do mês de outubro também nosso ex-funcionário, Arthur Kaiser, pegou o covid mas ele conseguiu vencer a doença.

Os números de mortes pelo Covid-19 no dia 6 de novembro eram assim:

Mundo: 1.241.143 e destes no Brasil: 161.779.

Foi marcada a data para nossa festa dos 60 anos de casados para o dia 6 de janeiro de 2021, no Clube União de Não-Me-Toque, mas provavelmente não haverá festa pelas restrições para se unir com grupos grande de pessoas.

Conclusão

Cheguei no Brasil no dia 28 de maio de 1958, são 62 anos vivendo neste país maravilhoso; um país com muitos desafios, mas também com muitas possibilidades para quem quer crescer.

Apesar de ainda existir bastante pobreza, este é um país muito rico em recursos naturais e está crescendo rapidamente, principalmente na agricultura e pecuária. São estas áreas que usam as melhores tecnologias existentes no mundo, que aliadas ao desempenho do próprio produtor conseguem este crescimento.

Agora, com meus 83 anos, me sinto totalmente realizado na vida. Formamos uma bela e unida família: Betsie e eu com os 5 filhos, 5 noras, 10 netos e 3 bisnetos.

Os filhos dedicam-se como profissionais, cada um na sua área e tem sucesso nas suas atividades, o que reflete também nas netas e nos netos.

Agradeço a Deus por tudo que Ele nos concedeu e em especial a minha esposa pelo amor, dedicação e cuidados para mim e para toda nossa família.



AGROPECUÁRIA
GAULANDA
SILVÂNIA - GOIÁS